

Soraia Batista Rodrigues

**O AMOR A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO LIVRO “A
TRINDADE” DE SANTO AGOSTINHO**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

Soraia Batista Rodrigues

**O AMOR A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO LIVRO “A
TRINDADE” DE SANTO AGOSTINHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

R696a Rodrigues, Soraia Batista
O amor a partir de uma análise do livro “A Trindade” de Santo Agostinho / Soraia Batista Rodrigues. - Belo Horizonte, 2017.
75 p.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Amor. 2. Trindade. 3. Agostinho, Santo. I. Barros, Paulo César. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 276

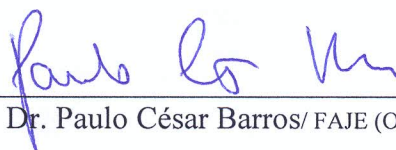
SORAIA BATISTA RODRIGUES

**O AMOR A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO LIVRO
“A TRINDADE” DE SANTO AGOSTINHO**

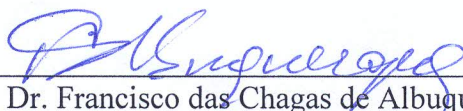
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 22 de novembro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Paulo César Barros/ FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque / FAJE



Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria de Contaldo / PUC-Minas (Visitante)

Aos meus pais Sinval e Etéria

Agradecimentos

À Trindade Santa, que desde o princípio me amou e me convida a responder a este amor amando ao próximo.

À minha mãe, minha primeira professora, por todo o esforço que fez em prol da minha educação e por ter semeado os valores cristãos em minha vida.

Ao meu pai, homem simples, mas de uma sabedoria imensa para viver a vida e relacionar-se com os outros.

Às minhas irmãs Érica, Poliana e Fábria por todo o carinho e estímulo.

Ao Ricardo Félix Vargas Carranza, amigo na peregrinação desta vida, pelo apoio, amor, paciência e cuidado.

Ao amigo Dr. Carlos Paula de Moraes por incentivar-me a fazer o Mestrado e depois por ajudar-me a definir alguns tópicos da dissertação.

À FADISI – Faculdade Diocesana São José, pelo apoio financeiro.

Aos professores do MINTER pela valiosa contribuição intelectual, teológica e espiritual.

Ao meu orientador, professor Dr. Paulo César Barros pela confiança, paciência, sabedoria e pelas palavras tão encorajadoras quanto estas: “esteja certa de que você crescerá muito, tendo buscado dialogar com uma autoridade como Santo Agostinho”.

Ao professor e amigo Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho pela preocupação, estímulo e solicitude em indicar textos e dissertações que versam sobre o tema da minha pesquisa.

Ao amigo Rucelino de Sousa Aguiar pela presença e partilha da vida.

Ao coordenador do Curso de Filosofia da FADISI Mauro Sérgio Ferreira Cruz, por todo o estímulo e apoio.

À Irmã Belén Veríssimo pelas conversas sobre Agostinho, sobre a vida e sobre a espiritualidade que tanto contribuíram à minha pesquisa.

“O amor, porém, supõe alguém que ame e alguém que seja amado com amor. Assim, encontram-se três realidades: o que ama, o que é amado e o mesmo amor.” (A Trindade VII, 10,14)

RESUMO

Procurar-se-á nesta dissertação fazer uma análise do conceito de amor em Santo Agostinho a partir do seu livro *A Trindade*. Nesta obra, o bispo de Hipona aborda o dogma da Trindade. O Deus definido e adorado pelos cristãos é uma comunhão de Pessoas divinas que se relacionam entre si. Os seres humanos foram criados à imagem e semelhança da Trindade e são vocacionados ao amor, ou seja, convidados a amar a Deus e ao próximo. E amar, para o Hiponense, é aderir à Verdade para viver na justiça. Todas as ações humanas são movidas por amor, inclusive o mal que pratica, pois ninguém ama o mal enquanto mal, mas porque acredita que é o bem e porque deseja a felicidade. Após a análise do conceito de amor, far-se-á um diálogo com o pensamento de Agostinho tendo em vista nosso atual contexto social. Em que sentido é válido e pode iluminar a nossa existência o conceito de amor deste teólogo do século IV e que contribuições são apropriadas para a nossa contemporaneidade viver o amor e sua dimensão social.

PALAVRAS-CHAVE

Amor. Trindade. Bem comum. Felicidade. Justiça.

ABSTRACT

This thesis will attempt to analyze the concept of love in St. Augustine from his book *The Trinity*. In this book, the Bishop of Hippo discusses the dogma of the Trinity. The God defined and adored for the Christians is a fellowship of divine persons who relate to each other. Humans were created as the image and likeness of the Trinity and are called in love, that is, invited to love God and the others. And for this Hipponensis Bishop, to love is to adhere to the Truth to live in justice. All human actions are moved by love, including the evil that one practices, for no one loves evil as evil, but because one believes that it is good and because one desires happiness. After that analyzing the concept of love, it will be a dialogue with Augustine's according to our in the present social context. In which sense this love concept of this theologian of the fourth century is valid and can illuminate our existence and which contributions are appropriate for our contemporaneity to live this love and its social dimension.

KEY WORDS

Love. Trinity. Common Welfare. Happiness. Justice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE SANTO AGOSTINHO	12
1.1 Contexto Sociocultural	12
1.2 A vida afetiva de Santo Agostinho	14
1.2.1 Agostinho e seus pais	15
1.2.2 Agostinho e a amizade.....	16
1.2.3 Agostinho e a inominada	20
1.3 Influências religiosas e intelectuais	22
1.3.1 O Hortênsio	22
1.3.2 O Maniqueísmo	23
1.3.3 O Neoplatonismo.....	25
1.4 A filosofia teológica agostiniana	26
1.4.1 As obras	27
2 O AMOR A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO LIVRO “A TRINDADE” DE SANTO AGOSTINHO	29
2.1 A obra “A Trindade”	29
2.2 O amor e o conhecimento de Deus como sumo bem	30
2.3 O amor e a noção de justiça.....	32
2.4 O amor e o conhecimento de si	36
2.5 O amor e a busca do conhecimento	39
2.6 O amor e a felicidade.....	42
3 CONTRIBUIÇÕES DE SANTO AGOSTINHO PARA O SÉCULO XXI: A PRÁTICA DO ÁGAPE E OS SEUS DESAFIOS	45
3.1 A atualidade do pensamento de Agostinho	45
3.2 Agostinho e antropologia teológica: corpo e limites da reflexão	47
3.3 O ser humano e suas relações amorosas.....	49

3.3.1 Eros e Ágape: dimensões do Amor	53
3.4 O Amor e a busca da felicidade.....	56
3.5 O amor e a dimensão social.....	59
3.6 A prática do Amor na Igreja.....	62
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa pretende-se analisar o conceito de amor em Santo Agostinho a partir do livro *A Trindade* por dois motivos: primeiro, porque nesta obra o bispo de Hipona trabalha o conceito da Trindade, um dos dogmas do cristianismo. O Deus cristão é Trino, são três pessoas que se relacionam entre si e apenas um Deus e este mesmo Deus é definido nas Sagradas Escrituras como amor. Segundo, porque toda a existência humana só faz sentido se for vivida por amor e com amor. Recebemos de Deus o amor e somos por Ele chamados a dar uma resposta amando-O como autor e fonte da vida e ao próximo como a nós mesmos.

Tal projeto é fruto do desejo de manter uma proximidade com a filosofia e por isso, a escolha de Agostinho, pois, foi um pensador que soube utilizar da filosofia para dar razões à sua fé. Estávamos consciente de que o trabalho exigiria muitíssimos esforços, tendo em vista que é um filósofo-teólogo do século IV, mas que também sairíamos muito mais enriquecidos depois do contato com sua vida e com sua obra. Para tal empreendimento dividimos a dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo o objetivo é apresentar em linhas gerais o seu contexto histórico e sociocultural com o intuito de oferecer aos leitores as relações familiares, os laços de amizade, o seu processo formativo-educacional e o desenvolvimento intelectual e espiritual, incluindo sua passagem pelo maniqueísmo e as leituras dos neoplatônicos. Pois acreditamos que as experiências vividas na família, as relações amorosas e o ardente desejo de encontrar a verdade contribuíram para que Agostinho se tornasse um grande pensador do cristianismo, um místico e doutor da Igreja.

O segundo capítulo visa analisar a obra *A Trindade* e a partir da leitura, estudo e reflexão extrair o conceito de amor para o Santo Teólogo. Apreendemos que o amor faz relação com o conhecimento de Deus como sumo bem, por isso, amar a Deus é reconhecer que Ele é o Bem Supremo e Verdadeiro. Que o verdadeiro amor é adesão à verdade para viver na justiça. Que para existir amor é necessário alguém que ame e alguém que seja amado com amor, pois só assim encontraremos as três realidades: o que ama, o amado e o amor. E ainda, que todos os seres humanos querem a felicidade, mas o que desejar para ter uma vida feliz? Para o Hiponense somos chamados a amar não o que é material e perecível, mas o eterno.

No último capítulo procura-se ver as contribuições de Agostinho em relação ao conceito de amor e com ele dialogar. O que é válido para o nosso atual contexto histórico e o que precisa ser revisto na caminhada dos cristãos. Começamos apontando o corpo e os limites da reflexão sobre o mesmo. Agostinho segue a tradição bíblica e assevera que o ser humano é criado à

imagem de Deus, todavia se utiliza da fórmula platônica e afirma que o homem é uma alma que se serve de um corpo. Esse pensamento agostiniano contribuiu para que, entre os cristãos, houvesse uma supremacia da alma em relação ao corpo. Com isso, tudo o que diz respeito à matéria e à carne é visto como desprezível. As dimensões do amor como Eros e Ágape também sofreram influências desse pensamento dicotômico e entre os cristãos há uma valorização do Ágape entendido como um amor oblato e espiritual em detrimento de Eros compreendido como um amor mundano e erótico. Falar do amor e das dimensões do mesmo nos remete também ao desejo que todos os homens e mulheres têm de serem felizes e o bispo de Hipona descobre que a felicidade se encontra na verdade e esta verdade é o próprio Deus.

Ainda dialogando com o Santo Teólogo neste último capítulo, observamos que o amor possui uma dimensão social, e que Agostinho o adota como ordenador para o problema da miséria humana. Os homens que amam o Deus Verdadeiro precisam se comprometer com a vontade Dele e promover uma vida digna e justa para todos, contribuindo assim com o bem comum, e nesta luta a Igreja se faz presente, pois como discípula e esposa de Cristo assume a missão de anunciar o amor de Deus, mas também de contribuir com a formação das consciências para que todos se comprometam com o progresso humano em todas as suas dimensões, sejam elas espirituais e materiais.

Espera-se que a leitura deste texto estimule o leitor a pesquisar mais sobre Santo Agostinho e o seu pensamento sobre o amor. Que seus olhos e coração se abram para acolher a sua mensagem sobre Deus, o Bem Supremo e Verdadeiro, e que aquilo que for compatível com a nossa existência na contemporaneidade seja colocado em prática, mas o que for fruto de desvios seja revisto e repensado por nós, para que, a cada dia possamos resgatar a mensagem da tradição bíblica sobre o ser humano e o amor.

1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE SANTO AGOSTINHO

1.1 Contexto Sociocultural

Aurélio Agostinho nasceu em 13 de novembro de 354 em uma pequena cidade da Numídia, África, chamada Tagaste. Seu pai era um pequeno proprietário de terra, um homem de recursos escassos, chamado Patrício, ligado ao paganismo, que só se converteu à fé cristã no fim de sua vida, e sua mãe Mônica era uma cristã fervorosa, com um quê de “pequena burguesa” e que ardentemente desejava convertê-lo. Todavia, para Agostinho a religião de sua mãe conforme afirma Adalbert G. Hamman parecia um “conto de carochinha”.¹

O jovem Agostinho foi de um espírito vivo, natureza emotiva, sensibilidade excessiva, aluno indisciplinado, mas extremamente seguro de suas qualidades.² Frequentou as classes iniciais em Tagaste e depois na cidade vizinha Madaura. As necessidades domésticas o forçaram a interromper os estudos por um tempo.³ Sobre este ano afastado dos estudos Peter Brown afirma que

foi um ano desolador, marcado por um ato inquietante de vandalismo e toldado pelo súbito ataque de uma adolescência atrasada contra um juvenzinho ambicioso que até então sofrera uma pressão constante para se sair bem na escola. Essa situação não foi facilitada pela “enorme angústia” com que Mônica o alertara contra o convívio com as mulheres. Um filho de pais menos ambiciosos talvez se casasse nessa idade.⁴

Com dezessete anos, graças a ajuda de um mecenas chamado Romaniano, prossegue os estudos em Cartago, onde foi cercado pelo fervilhar dos amores ilícitos⁵ como anuncia o próprio Agostinho. Decerto a vida em Cartago era muito mais excitante e os estudantes eram turbulentos, como se poderia esperar de jovens vindos de pequenas cidades e tendo sua primeira experiência de liberdade numa cidade grande.⁶

A vida em Cartago pouco significava para Agostinho comparada à crise que sofria⁷, pois ele “ainda não amava, e já gostava de ser amado”.⁸ Nesta cidade permitiu-se deleitar de seus

¹ HAMMAN, Adalbert. G. *Os padres da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1980, p. 228.

² HAMMAN, *ibid.*, 1980, p. 228.

³ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2015, II, 3, 6.

⁴ BROWN, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho: uma biografia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 44.

⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 1, 1.

⁶ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 44.

⁷ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 45.

⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 1, 1.

sentimentos e descobriu o teatro que era um mundo que espelhava suas misérias e alimentava a sua fogueira.⁹

Seu pai falece provavelmente em seu primeiro ano de estadia em Cartago e sua mãe toma sobre si o encargo de levar a termo a educação do filho.¹⁰ Agostinho resvalou a um casamento de “segunda classe”. Tomou por concubina uma mulher por quase quinze anos: “era um arranjo perfeitamente respeitável para um professor iniciante no baixo Império Romano”.¹¹ Esta ligação com a inominada deu-lhe um filho, Adeodato, e o estabilizou afetivamente.¹²

Aos dezenove anos, em 373, passaria por sua primeira “conversão espiritual” ao ler o livro *Hortêncio* de Cícero. Neste mesmo ano abraça o maniqueísmo, uma doutrina de salvação no nível racional com um espaço para Cristo. Foi um ouvinte entusiasmado do maniqueísmo, mas pouco a pouco desprende-se por perceber falta de rigor na doutrina e relaxamento moral. A angústia em que se encontra é muito exigente e suas indagações a respeito da existência são demasiado essenciais para satisfizer-se com tal esoterismo.¹³

Interiormente se afasta do maniqueísmo e é tentado a abraçar a filosofia da Academia Cética, segundo a qual se deve duvidar de tudo, porque não podemos ter um conhecimento certo a respeito de nada. Não conseguiu seguir os céticos, pois em seus escritos não havia o nome de Cristo.¹⁴

Giovanni Reale e Dario Antiseri apontam que em Milão aconteceram os encontros decisivos de Agostinho. Primeiro, há uma pessoa que consegue atingi-lo: o bispo Ambrósio. Começa a acompanhar as suas pregações e fica motivado e conquistado pelo encanto de sua palavra. Mas através da eloquência o Evangelho penetra-lhe o coração. Com Ambrósio aprendeu a maneira correta de abordar e manusear a Bíblia. Depois, teve contato com os livros dos neoplatônicos que lhe revelaram a realidade do imaterial e a não-realidade do mal. E por fim, ao ler São Paulo entendeu o sentido da fé, da graça e do Cristo Redentor.¹⁵

Agostinho se considerava um errante, um ser que procurou a Deus em vários lugares. Estava cego e distante de si, pois não percebia que Deus estava dentro dele, chegando a declarar:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora. [...] Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz

⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 2, 2.

¹⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 4, 7.

¹¹ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 45.

¹² HAMMAN, *ibid.*, 1980, p. 228.

¹³ HAMMAN, *ibid.*, 1980, p. 228.

¹⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia. vl 1*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 431.

¹⁵ REALE; ANTISERI, *ibid.*, 2003, p. 431 – 432.

afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.¹⁶

O Hiponense era um homem sedento pela verdade e, segundo Berthold Altaner e Alfred Stuiber aceita “a autoridade da Igreja como representante da verdade por ele procurada havia muito tempo”.¹⁷ Por isso, abraça a fé católica e recebe o batismo das mãos de Ambrósio, na vigília pascal, aos 24 de abril de 387. “A Igreja acolhia um filho sobre o qual se haveria de falar por muito tempo, pelo menos no Ocidente”.¹⁸ Em 391 é ordenado padre por desejo e aclamação da assembleia e em 395 é consagrado bispo como sucessor de Valério na sede de Hipona.

Com o cargo de padre orienta suas pesquisas para a Escritura, a Tradição e as questões teológicas e pastorais. Como bispo torna-se líder incontestado do bispado africano, conselheiro do Ocidente cristão e consciência teológica da Igreja. Levou avante seu ministério e sua irrepreensível vocação teológica. Envolveu-se em todas as polêmicas da África e do mundo cristão. Morreu aos 28 de agosto de 430, no terceiro mês do cerco a Hipona pelos vândalos.¹⁹

1.2 A vida afetiva de Santo Agostinho

Agostinho como qualquer outro ser humano constrói suas primeiras relações afetivas na família, pois, é nela que primeiro nos sentimos amados e queridos e temos o nosso primeiro modelo de amor. Segundo Hamman, Agostinho fala pouco de sua família,²⁰ mas é importante percebermos que mesmo através de suas poucas palavras sobre a vida familiar podemos identificar o nível de relação e a contribuição dos familiares para a sua personalidade.

Para além da família, as relações do Hiponense se estendem aos amigos, pois sabe que nada é agradável ao homem se ele não tem um homem por amigo.²¹ E, como homem, também viveu uma relação íntima e afetuosa com uma mulher, de quem não conhecemos o nome, mas que o marcou profundamente.

¹⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, X, 27, 38.

¹⁷ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 414.

¹⁸ HAMMAN, *ibid.*, 1980, p. 230.

¹⁹ HAMMAN, *ibid.*, 1980, p. 230 - 231.

²⁰ HAMMAN, Adalbert. G. *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 75.

²¹AGOSTINHO, Santo. *Carta 130*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>> Acesso em: 01 de outubro de 2017. 130, 2,4.

1.2.1 Agostinho e seus pais

Mônica devia ter provavelmente 23 anos quando Agostinho nasceu. Era uma mulher impressionante, precisamente o que seu filho gostaria de ser: contida, digna, alheia aos mexericos, pacificadora firme entre os conhecidos e, tal como conhecido em seu filho, capaz de um sarcasmo eficaz. É provável que não fosse uma alma completamente simples, pois acreditava que uma boa educação, ainda que pagã, tornaria seu filho um cristão melhor.²²

A primeira personalidade que incidiu sobre a alma de Agostinho, sem dúvida, foi a sua mãe. Com sua fé e seu testemunho cristão lançou as bases e construiu as premissas da futura conversão do filho.²³

Ela foi a voz de Deus em sua infância, como ele mesmo atesta: “ai de mim! Como ousou dizer que estavas calado, quando eu me afastava de ti cada vez mais? É verdade que te calavas diante de mim em tais momentos? De quem eram, senão de ti, aquelas palavras que me fazias soar aos ouvidos, através de minha mãe, tua serva fiel?”²⁴ Em seu livro *Sobre a vida feliz*, Agostinho nos diz que está persuadido de que deve aos méritos de sua mãe tudo o que vive.²⁵

Altaner e Stuiber afirmam que Mônica possuía uma grande ambição e sonhava com um futuro brilhante para esse filho extremamente bem-dotado, e assim houve várias falhas em sua educação.²⁶ Por ser cristã sempre advertiu o filho para viver conforme os preceitos do Senhor. Uma de suas advertências era contra a fornicação, mas conforme Brown, a mãe de Agostinho “não manifestara a menor intenção de lhe oferecer o único remédio que, havia séculos, os pais cristãos eram incentivados a fornecer a seus filhos adolescentes – o conforto de uma esposa”.²⁷

Em contraste, a figura paterna é bastante esmaecida na vida de Agostinho. Ele faz poucos comentários sobre sua relação com o pai. Segundo Giovanni Papini,

Agostinho não o amou; com a alma que lhe conhecemos não poderia amá-lo. Ele sentia que herdara desse pai todas as paixões que, no curso de sua vida, à custa de terríveis esforços, precisara arrancar do coração: a sensualidade, a ambição, o amor ao dinheiro. Foi combatendo em si as tendências paternas que Agostinho se tornou o que é e será eternamente – um santo. É o filho de Mônica e da graça.²⁸

²² BROWN, *ibid.*, 2016, p. 34.

²³ REALE; ANTISERI, *ibid.*, 2003, p. 429.

²⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, II, 3, 7.

²⁵ AGOSTINHO, Santo. *Sobre a vida feliz*. Petrópolis: Vozes, 2014a, 1, 6.

²⁶ ALTANER; STUIBER, *ibid.*, 1988, p. 412.

²⁷ BROWN, Peter Robert Lamont. *Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 320.

²⁸ PAPINI, *apud*, SALINAS, Walmir Ruis. *A concepção de corpo na obra Confissões de Santo Agostinho*. Disponível em:

Patrício, embora de coração afetuoso, se encolerizava facilmente.²⁹ Orgulhava-se do filho e era admirado por todos pelos sacrifícios que fazia para que o filho concluísse os estudos.³⁰

Agostinho “registrou uma cena, nas termas, na qual seu pai se deleitava ao constatar que o filho havia atingido a puberdade. Tudo o que o filho diria, em contrapartida, era que ‘ele só via em mim ambições vãs’”.³¹ Patrício morre logo após conseguir dinheiro para o filho estudar em Cartago e o Hiponense só menciona a morte do pai de passagem, enquanto que expressa uma profunda tristeza pela perda de um amigo.³²

Patrício era um marido infiel e Mônica aguardava confiante e em silêncio que ele pudesse transformar-se em um homem casto e cristão. A infância de Agostinho foi vivida em meio a uma tensão diante dos conflitos conjugais dos pais. “Eu já tinha fé, como minha mãe e toda a minha família, com exceção apenas de meu pai. Seu exemplo, porém, não predominou em mim contra os direitos da piedade materna. [...] Minha mãe desejava ardentemente que fosses meu pai, tu meu Deus, mais do que ele”.³³

Brown, ao comentar sobre os pais de Agostinho, afirma:

os pais, contudo, tinham uma qualidade em comum: a determinação. Patrício demonstrou uma “determinação obstinada” de proporcionar instrução ao filho; Mônica viveria mais nove anos, igualmente convencida, à sua maneira, de que “era impossível perecer o fruto de tantas lágrimas”.³⁴

1.2.2 Agostinho e a amizade

Os seres humanos não nascem sós, nem morrem sós e não estão condenados a viver na solidão. Cada homem e mulher é chamado a realizar-se plenamente como pessoa em convívio com os outros. Agostinho é uma pessoa dedicada às amizades. Aprecia, sabe cultivá-las e preservá-las. Eis como demonstra a experiência de vivenciá-las:

<http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vii_epct/PDF/CIENCIAS_HUMANAS/Historia/02_A_CONCEPcao_DE_CORPO_.pdf> Acesso em: 01 de outubro de 2017.

²⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IX, 9, 19.

³⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, II, 3, 5.

³¹ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 35.

³² AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 4, 7.

³³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, I, 11, 17.

³⁴ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 36.

Havia outras atrações que me prendiam o espírito: as conversas e risadas em comum, a troca de afetuosas gentilezas, a leitura em comum de livros agradáveis, o desempenho de tarefas em conjunto, ora insignificantes ora importantes, contradições passageiras, sem rancor, como acontece a cada um até consigo mesmo, e com tais contradições, assim mesmo bastante raras, tornar mais agradável a habitual concordância de pontos de vista, o ensino recíproco de novidades, o sentir intensamente a nostalgia dos ausentes e o alegre acolhimento no retorno. Estes e outros sinais semelhantes, que brotavam de corações que amam e se sentem amados, e que se manifestam no procedimento, nas palavras, no olhar e em mil gestos de agradecimento, como centelhas que inflamam muitos corações e deles fazem um só.³⁵

Os filósofos antigos gregos e romanos já tratavam do tema da amizade e afirmavam a necessidade da mesma para a nossa vida. Platão, em seu livro *Lísis*, põe as seguintes palavras na boca de Sócrates: “creio que preferiria um amigo a todo o ouro de Dario”.³⁶ E Aristóteles afirmava que a amizade “constitui uma das exigências mais imprescindíveis da vida”.³⁷

Agostinho foi um homem que nunca esteve só. Sempre valorizou as relações e as amizades que construiu ao longo da vida. Aceita o conceito de amizade formulado pelos filósofos gregos e romanos, e a esse respeito Teófilo Viñas Román nos assegura que,

a conversão à fé cristã vai supor em muitos aspectos do pensamento de Agostinho uma virada total. Talvez o campo da amizade seja aquele onde menos tenha tido de corrigir, tanto no plano ideológico como no da experiência, uma vez que quase tudo o que havia aprendido sobre a amizade nos velhos filósofos gregos e romanos e o que ele mesmo vivera ao longo de sua vida, continuava tendo plena validade e vigência nas novas perspectivas. Considera válidas as diversas definições clássicas de amizade, contanto que seja o Deus cristão quem lhes comunique essa plenitude.³⁸

A valorização e a vivência da amizade podem ser percebidas por nós em seus escritos e cartas. Uma de suas primeiras recordações da infância citada nas *Confissões* diz respeito à amizade, e por ela e por todos os dons recebidos agradece a Deus, “graças sejam dadas a ti, Senhor, Criador, e Ordenador do universo, ainda que me houvesse destinado a ser apenas criança. [...] Era sensível à amizade [...]. Tudo isso são dons do meu Deus.”³⁹

No limiar da adolescência dirá ainda nas suas *Confissões*: “e o que é que me encantava, senão amar e ser amado? Mas, eu não ficava na medida justa das relações de alma para alma,

³⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IV, 8, 13.

³⁶ PLATÃO. *Lísis* (ou da amizade). In: *Diálogos IV: Parmênides* (ou das formas), *Político* (ou da realeza), *Filebo* (ou do prazer), *Lísis* (ou da amizade). Bauru: Edipro, 2009, 211e.

³⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 3. ed. Bauru: Edipro, 2013, 1155a.

³⁸ VIÑAS ROMÁN, Teófilo. A amizade em Santo Agostinho. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana*. vl 1. Petrópolis: FABRA, p. 6.

³⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, I, 20, 31.

dentro dos limites luminosos da amizade”.⁴⁰ Perante o desejo de amar e ser amado se vê diante de situações em que não é capaz de guardar as regras como no episódio do roubo das peras. Sobre este acontecimento faz a seguinte reflexão: “amei também no furto a companhia daqueles com quem cometi [...]. Sozinho eu não teria praticado tal ação [...]. Oh amizade tão inimiga! Oh, sedução misteriosa da mente, vontade de fazer o mal por brincadeira ou diversão”.⁴¹

Na sua juventude quando retorna para Tagaste, depois de ter concluído os estudos em Cartago, reencontra um amigo de infância, da mesma idade dele. Tornam-se amigos tão íntimos que Agostinho consegue convertê-lo ao maniqueísmo. Todavia, esse amigo morre em tenra idade, e sobre a dor e a experiência dessa perda externa os sentimentos da seguinte maneira:

O sofrimento encheu-me de trevas o coração, e eu não via senão a morte em toda a parte.

A pátria tornou-se para mim tormento; a casa paterna, motivo incrível de infelicidade, e tudo o que tivera em comum com ele, agora, sem ele, transformava-se em sofrimento ilimitado. Meus olhos o procuravam por toda parte sem encontrá-lo; eu odiava o mundo inteiro, aborrecia-me porque o amigo não mais existia, e ninguém podia dizer-me: “Aí vem ele”, como quando em vida, se ausentava por algum tempo. [...] Somente as lágrimas me eram doces e substituíam o amigo no conforto do meu espírito.⁴²

E consciente de que esse amigo teria sido para ele “metade da sua alma” afirma:

Parecia-me estranho que a vida continuasse para os outros mortais, já que estava morta a pessoa que eu tinha amado como se ela não devesse morrer nunca. E mais ainda me espantava estar ainda vivo, achando-se morto aquele de quem eu era outro eu. Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma. Eu tinha de fato a sensação de que nossas duas almas fossem uma em dois corpos, e por isso eu detestava a vida, pois não queria viver partido ao meio, e temia a morte, talvez por não querer que morresse inteiramente aquele que eu tanto amara.⁴³

Em meio a essa dor e à dificuldade de superar a perda, Agostinho deixa Tagaste e regressa para Cartago. Aos poucos o tempo fará a sua obra de restaurar o coração, e Agostinho tirará uma lição de tudo isso: “como poderia tão facilmente ter atingido o mais íntimo do meu ser aquele sofrimento, senão por haver eu derramado a alma na areia, amando uma criatura mortal, como se imortal fosse?”⁴⁴

⁴⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, II, 2, 2.

⁴¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, II, 8,16 e 9,17.

⁴² AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IV, 4, 9.

⁴³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IV, 6, 11.

⁴⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IV, 8, 13.

Ao converter-se à verdade cristã, Agostinho tem a oportunidade de “ensaiar” uma vida comunitária, pois enquanto se preparava para receber o batismo passou alguns meses em companhia da mãe, amigos e outros familiares em Cassiciaco. Neste local inicia sua atividade literária e em muitas passagens dos livros aí produzidos dá testemunho do que significa para ele os amigos e a amizade. Nos *Solilóquios* encontramos o seguinte diálogo entre Agostinho e a razão:

- R. Por que desejas que aqueles a quem amas vivam ou convivam contigo?
A. Para em comum estudar nossas almas e Deus. Assim, aquele que primeiro chegar a alguma conclusão facilmente a comunica aos outros.
R. E se eles não quiserem dedicar-se a esse estudo?
A. Convencê-los-ei para que queiram.
R. E se não conseguires convencê-los, seja porque já sabiam, seja porque acham que não conseguirão chegar a conclusões a respeito, seja ainda porque também estejam ocupados em outros negócios ou desejos?
A. Neste caso, estarei com eles, e eles comigo da maneira que nos seja possível.⁴⁵

O bispo de Hipona além de aceitar os conceitos dos filósofos gregos e latinos sobre a amizade acrescenta o qualificativo verdadeira. Com isso, deseja denunciar não só as amizades falsas, que para ele são amizades inimigas, mas também as incompletas, ou seja, aquelas que, a partir da sua visão de cristão, precisavam de um elemento essencial, que é a presença do Deus amigo. Por isso, Vinãs Román assevera:

Definir, portanto, a amizade como “amor recíproco” entre duas ou mais pessoas não basta para que a amizade possa ser qualificada de verdadeira (plena). Agostinho, a partir de sua fé cristã, entende que esse amor deve estar aberto Àquele que afirmou: “Vós sois meus amigos” e “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12-14). Com outras palavras, os que afirmam se amar mutuamente devem fazê-lo como ele fez. Melhor ainda, devem tê-lo como primeiro amigo.⁴⁶

Para Agostinho não podemos ser amigos verdadeiros se primeiro não formos amigos da própria Verdade, e se a amizade não for gratuita, ela não existe de modo algum. A esse respeito os filósofos falaram em excesso, mas neles não se encontram a verdadeira piedade e o verdadeiro culto a Deus, do qual deriva todos os deveres de uma vida reta e justa.⁴⁷

⁴⁵ AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios*. São Paulo: Paulus, 2010, I, 12, 20.

⁴⁶ VIÑAS ROMÁN, *ibid.*, p. 5.

⁴⁷ AGOSTINHO, Santo. *Carta 155*. Disponível em:

<<http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>> Acesso em 22 de setembro de 2017. 155, n. 1-2.

1.2.3 Agostinho e a inominada

Nas *Confissões* Agostinho nos comunica a experiência que teve por viver quase quinze anos, de 371 a 385, em união estável de leito com uma mulher. Não está casado com ela. É sua concubina. Gabriel del Estal ao comentar sobre a inominada afirma que, “é ela uma mulher com plenitude de direitos. Usufrui do duplo *status* de liberdade e de cidadania, característico dos romanos. Não é uma escrava. Não pode sê-lo, justamente porque a filiação de Adeodato não é ‘contubernária’, mas a pertencente na lei ao ‘filho natural’”.⁴⁸

Ao falar da mulher, com quem compartilhava o leito, Agostinho se expressa da seguinte maneira:

[...] Eu vivia em companhia de uma mulher, a quem não estava unido por legítimo matrimônio, mas que a imprudência de uma paixão inquieta me fez encontrar. Era, porém, uma só, e eu lhe era fiel. Com esta união experimentei pessoalmente a diferença entre o laço conjugal instituído em vista da procriação, e uma ligação baseada apenas na paixão sensual, da qual podem nascer filhos sem serem desejados, embora uma vez nascidos se imponham ao amor dos pais.⁴⁹

As relações que Agostinho “estabeleceu com sua concubina estavam inteiramente de acordo com sua crescente austeridade. Agostinho lhe foi fiel durante todo o tempo em que estiveram juntos, o que era consideravelmente mais do que seu pai, Patrício, jamais fizera por sua mãe, Mônica”.⁵⁰

Brown afirma que, diferente do amigo Alípio, Agostinho gostava de dormir com mulheres e, por isso,

optou pela segunda melhor alternativa afora o casamento – um relacionamento estritamente monogâmico com uma concubina. Esse tipo de relação era comum nos círculos intelectuais. Era aceito como válido até pelos cristãos. Como “relação sexual aceitável e, muitas vezes, francamente reconhecida, não coberta pela lei, mas com algumas regras próprias”, o concubinato era exatamente o inverso de um arranjo dissoluto. Faltava-lhe o ingrediente essencial de um casamento legalmente válido – a intenção declarada de gerar filhos legítimos. Era francamente sexual. Agostinho escolheu sua companheira porque a amava; e dormia com ela porque gostava de fazê-lo, e não para produzir netos para sua mãe ou cidadãos para sua cidade natal. Já que só tiveram um filho [...], parece mais do que provável que Agostinho e sua concubina praticassem algum tipo de controle de natalidade.⁵¹

⁴⁸ ESTAL, Gabriel del. *Santo Agostinho e sua concubina de juventude*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 104.

⁴⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, IV, 2, 2.

⁵⁰ BROWN, *ibid.*, 1990, p. 319.

⁵¹ BROWN, *ibid.*, 1990, p. 321.

Agostinho e sua concubina vivem com um amor de namorados. Ela é doce e ele fogo. Entretanto, essa convivência será interrompida quando Agostinho atinge a glória universitária⁵². No fim de 384, o Hiponense constata que precisa tomar uma decisão quanto aos vínculos sociais que deseja ter pelo resto da vida.⁵³

Eles separam-se sem se casar. Conforme Estal, a ruptura não acontece por falta de amor da parte de nenhum deles. A separação também não ocorre em função da ambição de Agostinho que aspirava a uma posição mais elevada do que a que ocupava. Eles se separam por impedimento⁵⁴ legal para o matrimônio. A ruptura também não acontece por razões rigoristas de castidade religiosa, pois Agostinho ainda não era cristão.⁵⁵ Diferente de Estal, Brown afirma que “não foram os escrúpulos morais que o levaram a abandonar a sua concubina. Foi a ambição. Ele tinha que se casar com uma herdeira”.⁵⁶

No entanto, a separação é inevitável e acontece em setembro de 385. Relembrando este difícil momento treze anos depois Agostinho relata: “quando de mim foi arrebatada a mulher com quem vivia, considerada impedimento ao meu casamento, meu coração que lhe era afeioadíssimo, ficou profundamente ferido e sangrou por muito tempo”⁵⁷.

A inominada retorna à África e deixa o filho Adeodato com o pai. Antes de ir promete jamais pertencer a outro homem e faz isso como um voto diante de Deus.⁵⁸

Agostinho já não se casa nem com a primeira e única mulher que desejou com todo o seu coração nem com outra de sua categoria, isenta de impedimento legal para o matrimônio. Da inominada não há mais nenhum testemunho. Acredita-se que tenha realizado o seu voto e consagrado sua vida ao Senhor em algum dos conventos da Numídia Proconsular, fundados pelo próprio Agostinho.⁵⁹ Dessa mulher o que se tem certeza é de sua integridade espiritual e é o próprio Agostinho que atesta, pois a considera superior a si mesmo e “incapaz de imitá-la”.⁶⁰

⁵² ESTAL, *ibid.*, 1999, p. 109.

⁵³ BROWN, *ibid.*, 1990, p. 322.

⁵⁴ Conforme Estal (1999), esse impedimento é baseado no elitismo nupcial consagrado tanto na *lex Julia de maritandis ordinibus* como na *lex Pappia Poppaea*, também denominada *lex Pappia Poppaea Nuptialis*. Essas leis foram promulgadas pelo imperador Otávio Augusto: a *lex Julia* nos anos 18 a.C e 4 d.C (reformada); a *lex Pappia Poppaea*, no ano 9 d. C. Ambas as leis fixam barreiras de proibição ou de não permissão para o matrimônio entre cidadãos de condição, dignidade ou níveis sociais distintos. p. 61.

⁵⁵ ESTAL, *ibid.*, 1999, p. 113 e 125.

⁵⁶ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 77.

⁵⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, VI, 15, 25.

⁵⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, VI, 15, 25.

⁵⁹ ESTAL, *ibid.*, 1999, p. 110.

⁶⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, VI, 15, 25.

1.3 Influências religiosas e intelectuais

A existência de Agostinho é permeada por uma inquietação. Ele é um homem de buscas. Bernard Sesé pontua que a busca pela verdade é uma paixão que vai dominá-lo por toda a sua vida.⁶¹ Essa busca incansável pela verdade orientará todas as suas ações e adesões ao longo da sua existência.

1.3.1 O Hortênsio

Em 373, Agostinho teve contato com o diálogo *Hortênsio*. Conforme Philotheus Boehner e Etienne Gilson “esta leitura teve o efeito de evidenciar os traços mais nobres do caráter de Agostinho que, a despeito da profundidade de sua queda, jamais deixara de demandar às coisas do alto”.⁶² Com este texto Agostinho passa por uma primeira conversão interior e ele mesmo nos relata:

Seguindo o programa normal do curso, chegou-me às mãos o livro de tal Cícero, cuja linguagem – mas não o coração – é quase unanimemente admirada.

O livro é uma exortação à filosofia e chama-se Hortênsio. Devo dizer que ele mudou meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos.

Repentinamente pareceram-me desprezíveis todas as vãs esperanças. Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria. Começava a levantar-me para ti. [...] Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas!⁶³

O Hiponense desperta para a vida filosófica. Verificou que Cícero não recomendava nenhuma escola filosófica em particular, mas a filosofia como tal e a busca da sabedoria em si mesma.⁶⁴ Há séculos que a ideia de filosofia era cercada por uma aura religiosa. Implicava mais que uma disciplina intelectual. Era amor à “Sabedoria”. O sábio era aquele que se reconhecia, se situava no universo e reconhecia o modo como sua alma poderia transcender à luxúria do corpo e ambições ilusórias do cotidiano.⁶⁵

⁶¹ SESÉ, Bernard. *Agostinho, o convertido*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 23.

⁶² BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 143.

⁶³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 4, 7-8.

⁶⁴ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 143.

⁶⁵ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 50.

Cícero incitou Agostinho a buscar a Sabedoria. “Atraía-me aquela exortação, pelo fato de não me excitarem a amar, buscar, seguir, abraçar com ardor essa ou aquela seita, mas simplesmente a sabedoria, qualquer que fosse”.⁶⁶

Entretanto, a Sabedoria que iria buscar diferiria da proposta por Cícero. Agostinho vinha de uma família cristã. O cristianismo estava entranhado em sua vida e provavelmente foi apresentado como a “Verdadeira Sabedoria”, pois o Cristo da imaginação popular não era o agonizante, tendo em vista que no século IV não havia crucifixos. Ele era a “Grande Palavra de Deus”, a “Sabedoria Divina”. Por isso, um saber pagão sem o nome de Cristo estava fora de cogitação.⁶⁷

Contudo, quando se debruça sobre as Sagradas Escrituras tem a impressão de que é uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero.⁶⁸

O que Agostinho leu na Bíblia parecia ter pouco a ver com a Sabedoria altamente espiritual que Cícero lhe dissera para amar. Ela estava repleta de histórias mundanas e imorais do Velho Testamento e, até no Novo Testamento, Cristo, a própria Sabedoria, era apresentada por genealogias longas e contraditórias.⁶⁹

Agostinho sentiu-se desorientado, pois saíra em busca da Sabedoria, mas não encontrara na Escritura, desejava ser cristão, mas não lhe agradava a forma externa do cristianismo. E encontrando-se em um estado de orgulho que travava acesso ao cristianismo tomou conhecimento da seita maniqueísta.⁷⁰

1.3.2 O Maniqueísmo

Para Sesé, Agostinho foi seduzido pelo maniqueísmo⁷¹ por três motivos principais: primeiro porque encontrou nesta doutrina uma explicação racional do mundo, que dispensava

⁶⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 4, 8.

⁶⁷ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 50.

⁶⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 5, 9.

⁶⁹ BROWN, *ibid.*, 2016, P. 51.

⁷⁰ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, 143.

⁷¹ Doutrina do sacerdote persa Mani, que viveu no século III e proclamou-se o Paracleto, aquele que devia conduzir a doutrina cristã à perfeição. É uma mistura de elementos gnósticos, cristãos e orientais, sobre as bases do dualismo da religião de Zoroastro. Admite dois princípios: um do bem, ou princípio da luz, e outro do mal, ou princípio das trevas. No homem, esses princípios são representados por duas almas: a corpórea, que é a do mal, e a luminosa, que é a do bem. Pode-se chegar ao predomínio da alma luminosa através de uma ascese particular, que consiste em três selos: abstenção de alimentar-se de carne e de manter conversas impuras; abstenção da propriedade e do trabalho, abster-se do casamento e do concubinato. O maniqueísmo foi muito difundido no Oriente e no Ocidente; aqui durou até o século VII. In: ABBAGNANO, Nicola: *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 739.

a fé, segundo porque permitia uma adesão a Cristo, de quem os maniqueus se diziam discípulos e porque encontrou nela a solução ao problema do mal que tanto o afligia.⁷²

Os maniqueus menosprezavam os simples fiéis e prometiam àqueles que aderissem à sua doutrina um saber superior, bem como a prova cabal da verdade. Agostinho ficou associado a esta seita por nove anos, embora na qualidade de “ouvinte”, sem tornar-se um membro qualificado. Com seu espírito racionalista sentia-se mais à vontade entre os maniqueus do que entre os cristãos, devido ao caráter materialista dessa seita e às suas próprias convicções acerca de Deus e da alma.⁷³

A doutrina de Mani afirmava que Deus é luz, um ente corpóreo e as almas humanas são partículas desta luz divina, exilada em corpos visíveis. Esse materialismo foi a causa principal dos erros de Agostinho neste período de sua vida. Ficou abalado em sua busca pela verdade sem um guia seguro, e desiludido com o maniqueísmo veio a ter contato com o ceticismo.⁷⁴

O jovem retórico não conseguia convencer-se nem da cosmogonia maniqueísta, nem das doutrinas da seita quando confrontados com os novos conhecimentos científicos adquiridos. Foi encaminhado ao mestre mais celebrado da seita, Fausto de Mileve, que gozava fama de sábio, mas Agostinho verificou que sua própria sabedoria era superior à do mestre.⁷⁵

É compreensível o sentimento de repulsa e desprezo que teve com os maniqueus, pois nas *Confissões* percebemos a confiança e esperança que depositara neles.

Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnis e loquazes. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio, numa mistura confusa do teu nome com o de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador. Pronunciavam continuamente tais nomes, que eram apenas sons e movimentos de lábios, mas seus corações eram vazios da verdade. Repetiam: “Verdade, verdade”! E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua.⁷⁶

A emancipação espiritual definitiva de Agostinho deu-se através da leitura dos neoplatônicos e com Santo Ambrósio. O bispo de Milão procurava convencer os seus ouvintes que a Escritura comporta um sentido aceitável e sob a letra indagava o sentido espiritual. Assim, Agostinho descobre a noção de espírito. As explanações de Ambrósio sobre os livros da Lei e

⁷² SESÉ, *ibid.*, 2011, p. 27.

⁷³ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 143.

⁷⁴ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 143-144.

⁷⁵ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 147-148.

⁷⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, III, 6, 10.

dos Profetas lhe causaram grande prazer, pois tinha experimentado em sua própria pessoa que a letra mata. Reconhece ainda não ser absurdo principiar pela fé e dar-se conta do erro que cometeu ao submeter a doutrina da Igreja ao juízo imaturo da razão. Enfim, Agostinho reconhece ter recorrido aos inimigos da Igreja a fim de instruir-se na sua doutrina.⁷⁷

1.3.3 O Neoplatonismo

Agostinho começou a leitura dos livros platônicos quando ainda estava se desligando do modo de pensar que o tinha atraído ao maniqueísmo. Para ele ainda era impossível pensar em Deus como presente nele e separado dele ao mesmo tempo.

Como maniqueísta, ele havia privilegiado uma resposta particularmente drástica a esse problema: o indivíduo fundia-se inteiramente com a “substância” de um Deus bondoso, e tudo o que não pudesse ser identificado com esse fragmento de perfeição era cindido como absoluta e irremediavelmente maléfica.⁷⁸

Plotino auxiliou Agostinho a sair desse dilema, pois um de seus mais laboriosos tratados foi dedicado a transmitir a ideia de que o mundo espiritual era fundamental para o mundo, embora continuasse distinto dele. O Bem sempre mantinha a iniciativa. O Um fluía para fora, tocava todas as coisas, moldando e dando sentido à matéria passiva, sem ser violado ou diminuído.⁷⁹

Ao ler as *Enéadas* de Plotino, Agostinho descobre a existência além do mundo sensível, aquilo que Plotino designava como as três *Hipóstases* primordiais, o *Uno* que estava ligado ao Ser e do qual emanava o *Logos* ou intelecto consciente de si e a *Alma* ou princípio animador de todos os corpos e almas, por isso, a finalidade de cada alma particular é voltar e juntar-se ao Uno-Deus pela conversão.⁸⁰

A leitura destes escritos abalou profundamente o Hiponense. Ele experimentou uma espécie de vivência mística da qual nos deixou uma descrição sem paralelo.

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos

⁷⁷ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 144-145.

⁷⁸ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 117.

⁷⁹ BROWN, *ibid.*, 2016, p. 117.

⁸⁰ SESÉ, *ibid.*, 2012, p. 64.

com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra. Também não estava acima de minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas acima de mim porque ela me fez, e eu, abaixo porque fui feito por ela. Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece, conhece a eternidade.⁸¹

Para Boehner e Gilson, o que Agostinho encontrou nestes livros foi uma metafísica do espírito altamente desenvolvida. Em primeiro lugar recebeu a noção de uma luz incorporeal, invisível e puramente espiritual. Essa luz excede tudo quanto é visível aos olhos da carne, pois é o princípio da verdade e a causa de todas as outras coisas. Em segundo lugar, deve aos platônicos a doutrina da diversidade radical entre o ser absoluto e o ser participado. Se Deus é o único ser absoluto, todos os demais seres são relativos. Em terceiro lugar apreende que todas as coisas que existem são boas. Por isso, se segue que o mal não é senão uma privação de um bem, e que o mal enquanto tal não existe, pois tudo o que existe é bom. Por estas razões o mal não pode ter sua origem em Deus.⁸²

Nicola Abbagnano afirma que, embora Agostinho não tenha encontrado nenhum ensinamento sobre a encarnação do Verbo nos livros platônicos, encontrou de maneira afirmada e demonstrada a incorporeidade e incorruptibilidade de Deus e isto o libertou definitivamente do materialismo.⁸³

1.4 A filosofia teológica agostiniana

Agostinho foi um homem do seu tempo, versado nas artes clássicas. A sua reflexão partia sempre da vida: das situações que se passam ao seu redor, das ideias dominantes, das ofensas contra a fé, da interioridade da sua alma.

A filosofia agostiniana é uma constante busca pela verdade que culminará na Verdade de Cristo. Para o bispo de Hipona é necessária a fé para entender, mas procura entender para crer melhor. Acredita que somos capazes de chegar ao conhecimento da Verdade e esta Verdade encontra-se no interior do homem.

Para Agostinho, a procura empenha o homem todo não apenas o intelecto. A *verdade* para que tende é também, segundo a palavra angélica, a *via* e a *vida*: procurá-la significa procurar a *verdadeira* via e a *verdadeira* vida. Por isso,

⁸¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015. VII, 10, 16.

⁸² BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 146-147.

⁸³ ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia* vl 2. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010, p. 125.

não é só a mente que tem necessidade dela, mas o homem inteiro e deve dar satisfação e repouso a todas as exigências do homem.⁸⁴

Agostinho foi um escritor prolífico. Foi sucessivamente filósofo, teólogo, exegeta, polemista, orador, educador e catequista. Ao tecer comentários sobre a produção literária do Hiponense, Sesé nos diz que, além da diversidade, impressiona a originalidade, o espírito profundo e a densidade de todos os escritos; e dentre as características de sua obra ressaltam a fina percepção do exegeta, a erudição do teólogo, a eloquência do pregador e o gênio de argumentação do polemista.⁸⁵

1.4.1 As obras

Para Agostinho, a vida e a doutrina são uma só coisa. Sua doutrina é uma interpretação de sua vida, e sua vida não cessa de nutrir-se nas fontes da doutrina. E assim o pensar agostiniano evolui em contacto imediato com a vida. Seu objetivo não é ensinar a pensar, e sim, a viver, a viver pensando. É a este contacto direto com a vida real que a ideologia agostiniana deve o seu valor imperecível e a sua influência fecunda e constante sobre o pensamento ocidental, até os nossos dias.⁸⁶

O bispo de Hipona possui uma obra vastíssima. Contam-se 113 tratados, numerosa correspondência e mais de quinhentos sermões.⁸⁷ Sua obra e pensamento ultrapassaram os limites de seu contexto social. Influenciaram a Idade Média e também a nossa época. Essa influência é percebida em diversos campos do pensamento desde a cultura à vida religiosa.

Neste trabalho não temos a pretensão de pontuar todas as suas obras, mas citar apenas as principais e o seu gênero literário.

1) Escritos filosóficos. O período que ficou alguns meses em retiro em Cassiciaco (386) é caracterizado pelos escritos de caráter filosófico. São eles: *Contra os acadêmicos*, obra que impugna o ceticismo e aponta que a verdade é cognoscível; *A vida feliz*, apresenta que a verdadeira felicidade está no conhecimento de Deus; *A ordem*, onde enfrenta pela primeira vez o problema da teodiceia: de onde vem o mal?; *Os solilóquios*, onde trava um diálogo com a própria razão e versa sobre a imortalidade da alma. *A imortalidade da alma* (escrito em Milão), *A quantidade da alma* (escrito em Roma) e *O mestre* e *A música* (escritos em Tagaste) são obras próximas aos escritos de Cassiciaco.

⁸⁴ ABBAGNANO, *ibid.*, 2010, p. 126. [Grifo do autor]

⁸⁵ SESÉ, *ibid.*, 2012, p. 137.

⁸⁶ BOEHNER; GILSON, *ibid.*, 2009, p. 203.

⁸⁷ SESÉ, *ibid.*, 2012, p. 137.

2) Escritos apologéticos. A obra mais importante é a *Cidade de Deus* (413-427). Contém uma preciosa apologia do cristianismo antigo e apresenta o primeiro grande esboço de uma teologia da história.

3) Escritos dogmáticos. A sua obra prima dogmático-filosófico-teológica é *A Trindade* (399-419). Obra que trata do mistério da Trindade.

4) Escritos antimaniqueístas. Com essas obras defendeu sobretudo as seguintes posições: o bem é o primeiro princípio; o mal não é substância; Cristo é homem verdadeiro, e seu corpo não é aparência.⁸⁸ Podemos destacar: *Sobre os costumes da Igreja católica e os costumes dos maniqueus* (388-389), *O livre arbítrio* (388 e 391/395), *A verdadeira religião* (390).

5) Escritos antidonatistas. Apresenta argumentação teológica da noção católica da Igreja e dos sacramentos. Citamos: *Contra a carta de Parmeniano* (400), *Sobre o batismo contra os donatistas* (401) e *Contra Gaudêncio, bispo dos donatistas* (419/420).

6) Escritos antipelagianos. Abordam temas sobre a natureza do homem, pecado original, a justificação e a graça. Mencionamos: *O espírito e a letra* (412), *Sobre a gesta de Pelágio* (417) e *A graça de Cristo e o pecado original* (418).

7) Escritos exegéticos. Os escritos de maior destaque são: *A doutrina cristã* (396-426), os *Comentários literais ao Gênesis* (401-414), os *Comentários a João* (414-417) e os *Comentários aos Salmos*.

8) Duas obras inauguram gêneros literários novos: as *Confissões* (397), verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário, revela ainda a maestria de Agostinho em descrever movimentos e estados da alma e as *Retratações* (426/427), em que Agostinho reexamina algumas teses contidas em produção anterior, que não estavam alinhadas com a fé cristã.⁸⁹

Agostinho era um homem consciente da importância de sua missão teológica e literária, mas jamais deu destaque a si mesmo. Sempre confessou que tudo deve ao amor e à bondade de Deus. Continuamente reconhecia que era o Senhor que o guiava e o auxiliava a discorrer os assuntos debatidos em suas obras.

⁸⁸ ALTANER, *ibid.*, 1988, p. 425.

⁸⁹ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: patrística e escolástica* vl 2. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 85.

2 O AMOR A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO LIVRO “A TRINDADE” DE SANTO AGOSTINHO

2.1 A obra “A Trindade”

É composta por 15 livros e considerada a principal obra dogmática de Agostinho. Costuma-se aceitar datá-la de 400 – 416, mas alguns estudiosos afirmam atualmente que a confecção da obra pode ter durado por volta de 20 anos, de 399 a 419.⁹⁰

A elaboração da obra não foi motivada por questões polêmicas. A defesa e a demonstração da divindade do Filho e do Espírito Santo já haviam sido feitas, bem como a consubstancialidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo já tinha sido estabelecida. O desejo de Agostinho era aprofundar pela inteligência a fé “católica” no Deus uno e trino.⁹¹ Ele mesmo afirma,

[...] Com a ajuda de nosso Deus e Senhor e conforme nossa capacidade, empreenderemos a tarefa que nos pedem, e assim demonstraremos que a Trindade é um só e verdadeiro Deus, e quão retamente se diz, se crê e se entende que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem uma só e mesma substância ou essência.⁹²

O Papa João Paulo II diz que a obra foi escrita mais por necessidade pessoal que por exigências externas, e que é uma obra de profunda especulação teológica e mística.⁹³ E Nair de Assis Oliveira abordando a motivação de Agostinho afirma que, “a inspiração fundamental é mística: o desejo de melhor conhecer o mistério divino para mais o amar, e torná-lo conhecido e amado”.⁹⁴

Esta obra é considerada por Altaner e Stuiber “em substância, o coroamento da especulação patrística sobre o dogma da Trindade”.⁹⁵

Agostinho opõe-se ao modo de pensar dos gregos que começam das Pessoas divinas e, por isso, parte da essência divina. As Três Pessoas necessariamente existem em uma única

⁹⁰ OLIVEIRA, Nair de Assis. In: AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 561.

⁹¹ SOUZA, Lúcio Bento de. *A fé trinitária e o conhecimento de Deus: abordagem a partir da obra De Trinitate de Santo Agostinho*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2010, p. 50 - 51.

⁹² AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 2008, I, 2, 4.

⁹³ JOÃO PAULO II. *Augustinum Hipponensem*. N. 68. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1986/documents/hf_jp-ii_apl_26081986_augustinum-hipponensem.html>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

⁹⁴ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 562.

⁹⁵ ALTANER, *ibid.*, 1998, p. 424.

natureza e se distinguem por suas relações mútuas. Concebe a geração do Filho como ato de pensamento do Pai; o Espírito Santo que procede das outras duas Pessoas divinas é o amor mútuo entre ambos, e esse amor é uma Pessoa. Descobre vestígios da Trindade no espírito humano por causa das suas faculdades de lembrar, conhecer e querer.⁹⁶

Reale e Antiseri vão falar que “analogamente, em nível mais alto, a mente humana é imagem da Trindade, porque também é una-e-trina, no sentido que é mente e, como tal, conhece-se a si mesma e ama-se a si mesma”.⁹⁷ É o próprio Agostinho que assevera: “a mente, o seu amor e o seu conhecimento formam três realidades. Essas três coisas, porém, são uma única unidade”.⁹⁸

Na investigação das analogias trinitárias do espírito humano está uma das maiores novidades de Agostinho em relação a esse tema. O conhecimento do homem e o conhecimento de Deus Uno-Trino iluminam-se mutuamente, quase que como num espelho, de modo admirável, realizando perfeitamente o projeto do filosofar agostiniano: conhecer Deus e a própria alma, Deus através da alma, a alma através de Deus.⁹⁹

2.2 O amor e o conhecimento de Deus como sumo bem

Ao trabalhar o tema do amor em seu livro *A Trindade*, Agostinho primeiro nos leva e nos conduz a refletir e contemplar o próprio Bem e se de fato conseguirmos realizar esse feito veremos que Deus é bom não por algum bem específico, mas por ser o Bem de todos os bens. E se compreendermos essa realidade, deveremos amá-Lo como se ama o próprio Bem e não um bem qualquer. “É esse o bem da alma que se há de procurar. Não aquele que sobrevoa na mente, mas ao que se adere pelo amor. Ora, qual será esse bem, senão Deus? [...] Somente o Bem é bom”.¹⁰⁰

Para ilustrar um pouco sua explanação, nosso santo Doutor, dá um exemplo com a frase que costumeiramente escutamos: “uma alma é boa”, nesta frase percebem-se duas palavras, ou seja, duas ideias – uma a alma e outra boa. Para existir a alma nada fez, ela não se deu o ser. Contudo, para ser boa percebe

⁹⁶ ALTANER, *ibid.*, 1988, p. 435.

⁹⁷ REALE; ANTISERI, *ibid.*, 2003, p. 449.

⁹⁸ AGOSTINHO, *ibid.* 2008, IX, 4, 4.

⁹⁹ REALE; ANTISERI, *ibid.*, 2003, p. 449.

¹⁰⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 3, 4.

ser preciso a ação positiva da vontade. Embora pelo simples fato de existir, a alma já possua algo de bom. [...] Quando, porém, decide-se a agir, com o propósito de se tornar boa, não o conseguirá se não se lançar a algo que ela ainda não é. E para onde se há de voltar para se tornar boa, a não ser para o Bem, quando o ama, deseja e alcança? Daí que, se voltar atrás, cessa de ser boa, pelo simples fato de se afastar do bem.¹⁰¹

À alma cabe entender que não haveria bem algum transitório se não houvesse um Bem imutável e a partir desses bens perceber o Bem Supremo e assim ver a Deus. Pois “se a ele aderires pelo amor, serás feliz no mesmo instante.”¹⁰²

A alma pelo simples fato de ser alma é boa e ela nos agrada pela perfeição com que foi criada, ou seja, à sua fonte.

Essa fonte é a Verdade e o Bem puro, onde somente há o que é bom, e que é por isso o Sumo Bem. De fato, um bem tem a possibilidade de diminuir ou crescer apenas se receber seu bem de outro bem. Para ser boa, a alma volta-se para o Sumo Bem, do qual recebe o ser. Então a vontade adapta-se à natureza, para que a alma se aperfeiçoe no bem, ao amar esse bem pela conversão da sua vontade. Bem esse do qual ela procede, e Bem que ela não perde, nem mesmo pela simples aversão da própria vontade. Afastando-se pois do sumo Bem, a alma despoja-se de sua bondade, porém continua sendo alma e, como tal, é um bem superior ao corpo. Logo, o que a vontade perde é aquilo com que pode alcançar a bondade.¹⁰³

Esse Bem para o qual precisamos voltar não se encontra longe de nós, pois nele vivemos, movemos e existimos (At 17, 27.28). E para gozarmos dele é preciso estar junto dele e aderir plenamente a ele. Todavia, o nosso caminhar é pela fé, não pela visão (2Cor 5,7), e ainda não vemos a Deus face a face (1Cor 13,12), porém, se não amá-lo agora nunca o veremos.¹⁰⁴

Mas como iremos amar o que desconhecemos? Sabemos que é possível conhecer algo e não amá-lo. Porém, Agostinho pergunta se é possível amar algo que se ignore, pois se for possível ninguém poderá amar a Deus antes de conhecê-lo. E indagando-se, medita se conhecer a Deus não é senão contemplá-lo e percebê-lo com os olhos da mente.¹⁰⁵ “Entretanto, se pudermos contemplar e perceber a Deus [...], temos de o amar, apoiados pela fê”.¹⁰⁶

O santo teólogo nos exorta e pede que cuidemos para que ao crermos naquilo que não vemos não imaginemos coisas irrealis e, com isso, venhamos a dar um falso objetivo à esperança

¹⁰¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 3, 4.

¹⁰² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 3, 5.

¹⁰³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 3, 5.

¹⁰⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 4, 6.

¹⁰⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 4, 6.

¹⁰⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 4, 6.

e ao amor.¹⁰⁷ Pois o próprio apóstolo Paulo em sua primeira carta a Timóteo nos pede um amor que brote de um coração limpo, boa consciência e fé não fingida (1Tm 1,5).

Prosseguindo em suas pesquisas, o bispo de Hipona, nos conduz a uma tomada de consciência diante da maneira pela qual conhecemos e cremos em Deus. Observamos que o nosso pensamento crer que Deus se fez homem por nós para nos dar o exemplo de humildade e para nos mostrar quão grande é o seu amor pela humanidade. Cremos ainda, que Jesus Cristo nasceu de uma virgem, foi levado à morte pelos mortais e ressuscitado por Deus todo-poderoso.¹⁰⁸

Cremos porque sabemos o que é uma mulher virgem, também conhecemos a morte, pois a presenciamos entre os amigos e familiares e mesmo nunca tendo experimentado a ressurreição temos consciência que é um evento de retornar à vida e todos sabem o que é viver porque estão vivos e a sentem em si.

Entretanto, para entender “a eternidade, a igualdade e a unidade da Trindade, torna-se necessário crer antes de compreender, e estar atentos para que nossa fé seja sincera. [...] Como, porém, amar pela fé a Trindade a qual não conhecemos?”¹⁰⁹ Sabemos o significado de trindade, pois conhecemos o número três, mas não é esse o objeto do nosso amor. “Acaso, amamos qualquer trindade ou somente a Trindade que é Deus? Eis o que amamos na Trindade: é ela ser Deus. Ora, jamais vimos ou conhecemos nenhum outro Deus, porque ele é um só e único Deus, o qual ainda não vimos, mas a quem amamos pela fé”.¹¹⁰

2.3 O amor e a noção de justiça

Para crer e amar a Deus que ainda não é conhecido se faz necessário lançar mão de algo semelhante para comparar e assim ficar mais evidente o raciocínio. Por isso, o santo teólogo faz uso da noção transcendente de justiça. A grande questão lançada é se podemos saber o que é justo se ainda não somos justos e se ninguém souber o que é justo, ninguém poderá amar aquilo que julga justo, a não ser que já seja justo.¹¹¹

[...] Se só o justo ama o justo, como alguém há de querer ser justo, se ainda não é justo? Pois ninguém quer ser alguma coisa a qual não ama. Para se tornar justo, então, quando ainda não se é, é preciso querer. E para querer é preciso

¹⁰⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 4, 6.

¹⁰⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 5, 7b.

¹⁰⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 5, 8.

¹¹⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 5, 8.

¹¹¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

amar o justo. Então ama o justo aquele mesmo que ainda não é justo. Portanto, sabe o que é o justo, mesmo aquele que ainda não é justo.¹¹²

O entendimento de justiça, o homem tem dentro si, no seu interior, não é uma experiência fora dele, pois não é o corpo que é justo, mas a alma. Conforme sua compreensão de justiça, Agostinho nos assevera que “é justa a alma que segundo os ditames da ciência e da razão dá a cada um o que a cada um pertence, na vida e nos costumes”.¹¹³

Diante dessa definição de justiça, o justo a compreende perfeitamente dentro de si, pois a vive. Por outro lado, como a alma injusta poderá entendê-la e vê-la? Não será pela Verdade interior que está presente na alma e que a torna capaz de ver?¹¹⁴ Entretanto, o fato de dizer e entender o que seja uma alma justa não concede à mesma a justiça. Enfim,

como poderão se tornar tal, a não ser aderindo a esse ideal (forma: modelo) que elas veem, a fim de se modelar por ele? Poderão desse modo não somente observar e dizer o que seja uma alma justa [...], mas também esforçar-se por viver eles mesmos conforme a justiça, distribuindo a cada um o seu, não devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo (Rm 13,8).¹¹⁵

Só é possível aderir à essa forma amando. Não haveria sentido amarmos alguém que julgamos justo se não amarmos a própria Forma. Pois, “nela vemos em que consiste uma alma justa, para assim podermos nós também nos tornar justos”.¹¹⁶ A pessoa que julgamos justa é amada por meio dessa Forma e verdade.¹¹⁷

O santo Doutor, diz ainda que, “quanto à Forma e verdade, ela não pode ser amada por razão alguma que não seja ela mesma. Pois não existe coisa alguma semelhante a ela nem fora dela. Mas mesmo sem conhecer, poderemos amar a essa Forma, valendo-nos da fé”.¹¹⁸ É por isso, que quando formos amar os homens devemos amá-los porque são justos ou para que se tornem justos, bem como a si também, ou porque é ou quer se tornar justo. Se alguém, por acaso, se ama por outro motivo não é conforme a justiça.¹¹⁹

Para o bispo de Hipona, na questão sobre a Trindade e o conhecimento de Deus teremos como principal ponto a ser tratado o que é o verdadeiro amor, ou seja, o que é o amor, pois só

¹¹² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

¹¹⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 6, 9.

o verdadeiro amor deve ser chamado assim, senão, será concupiscência. E o verdadeiro amor só pode ser adesão à verdade para viver na justiça.¹²⁰

As Sagradas Escrituras abordam dois preceitos dos quais dependem toda a Lei e os Profetas, o amor de Deus e o amor do próximo (Mt 22, 37-40), embora muitas vezes mencione apenas um dos preceitos como nos seguintes textos: “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam” (Rm 8,28) e “carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo” (Gl 6,2).

Quando nos depararmos com trechos como esses nas sagradas Letras não podemos dissociá-los, pois à medida que amarmos a Deus haveremos também de praticar os seus preceitos e se de fato o amarmos, por conseguinte amaremos também o nosso próximo, pois é o que Ele prescreve¹²¹ e, todo aquele que ama o próximo, conseqüentemente amará o próprio Amor, pois que “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

Agostinho pede-nos para que nunca digamos que não sabemos o que amar. Ora, que amemos o nosso irmão, pois assim estaremos amando o próprio Amor. É amando o nosso irmão que conheceremos melhor o amor e, assim, também, conheceremos mais a Deus que o irmão, pois Deus estará mais presente e se tornará mais conhecido e íntimo.¹²²

No entanto, alguém poderá afirmar que quando ama vê o amor, mas não vê a Trindade. Para Agostinho, todavia, nós veremos a Trindade se virmos a caridade. É na prática do amor que enxergaremos Deus. Pois,

quando amamos o amor, nós o amamos, amando alguma coisa, pois o amor sempre ama alguma coisa. Ora, o que ama o amor, para ser ele mesmo amado como amor? Com efeito, não é amor, o amor que nada ama. Se o amor ama-se a si mesmo é mister que ame outra coisa, para que se ame como amor.¹²³

O bispo de Hipona ainda afirma que “a caridade ama-se a si mesma, por certo, mas caso não se ame a si mesma amando alguma coisa ela não se ama como amor. E o que ama o amor, senão o que nós mesmos amamos com amor? Esse algo é nosso irmão, para partirmos do que nos é mais próximo”.¹²⁴

¹²⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 7, 10.

¹²¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 7, 10.

¹²² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹²³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹²⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

Ninguém amará o irmão se não tiver em si o amor. O apóstolo João nos ensina que esse amor com o qual amamos o irmão é Deus. E Oliveira nos explica: “porque substancialmente Deus é amor. Mas há um como paradoxo, em dizer que o amor é uma substância, quando ele aparece como uma relação, de sujeito a sujeito. E esse caráter de relação é inseparável do amor”.¹²⁵

Agostinho diz que João coloca a perfeição da justiça no amor ao irmão e o fato de ter omitido sobre o amor a Deus é porque incluiu o amor a Deus na caridade fraterna. Isso porque “a dileção fraterna, ou seja, o amor recíproco, não somente procede de Deus, mas é o próprio Deus. Portanto, quando amamos o irmão com amor, amamos o irmão em Deus, e é impossível não amar o Amor que nos impele ao amor do irmão”.¹²⁶

Com isso, ele conclui que os dois preceitos não podem existir um sem o outro. Aquele que ama o próximo ama também o Amor. E o próprio apóstolo João ainda afirma que “quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20). E se alguém não vir a Deus é porque falta amor ao irmão.¹²⁷ E quem está em Deus também está na luz e se não vê a Deus é porque está nas trevas.

À medida que nos abrimos à dinâmica do amor podemos nos preocupar com a intensidade com que devemos amar a Deus e ao irmão, mas Agostinho nos adverte que nosso amor a Deus deve ser incomparavelmente maior que o amor que temos a nós mesmos e ao próximo. Todavia, quanto mais amarmos a Deus mais amor teremos por nós e pelo irmão.¹²⁸ Pois, “é [...] com um e mesmo amor que amamos a Deus e ao próximo, mas amamos a Deus por Deus, e ao próximo por causa de Deus”.¹²⁹

Agostinho nos apresenta um texto bíblico no qual o apóstolo Paulo nos relata alguns desafios de sua vida e a partir desse texto nos leva a refletir e indagar o porquê nos inflamamos de amor pelo Apóstolo e nos faz ver que não deve ser porque acreditamos que de fato viveu assim, mas porque vemos em nosso íntimo a própria Verdade e o amamos em virtude de um ideal que está inserido em nós mesmos.¹³⁰

É porque amamos um ideal de justiça (santidade) que é sempre imutável e estável, que amamos o Apóstolo. “O amor desse ideal, conforme o qual nós cremos que os justos viveram, nos faz amar a vida deles”.¹³¹ É em Deus que contemplamos esse ideal de justiça.

¹²⁵ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 621.

¹²⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹²⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹²⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹²⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

¹³⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 9, 13.

¹³¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 9, 13.

Nosso santo Doutor, enfim pergunta: “o que é o amor ou a caridade, tão louvada e exaltada pela Escritura, senão o amor do Bem?”¹³²

Para que haja amor é necessário alguém que ame e alguém que seja amado com amor, e assim encontraremos as três realidades: o que ama, o amado e o amor.¹³³ Entretanto, quando amamos a nós mesmos haverá apenas duas realidades, aquele que ama e o amor, pois quem ama e o que é amado se identificam.¹³⁴

2.4 O amor e o conhecimento de si

Para a mente se amar é necessário que ela se conheça. E Agostinho mostra que a mente, o seu amor e o seu conhecimento formam três realidades. E mesmo sendo três, formam uma única unidade e quando perfeitas são também iguais. A mente para não se tornar ré de pecado precisa amar-se como deve. Não pode amar o corpo com a mesma intensidade com que se ama, pois este é superior e também não pode amar-se com o mesmo ardor que é exigido a Deus, pois ela, a mente, é inferior a Deus.¹³⁵

A mente, com o amor com que se ama, pode amar outras realidades fora de si. Ela também não conhece apenas a si mesma, mas a muitas outras coisas. Por isso, o amor e o conhecimento não estão inerentes à mente como um acidente está a um sujeito. Mas aí estão como a própria mente, a título de substância.¹³⁶

E quando a mente se ama e se conhece, não ama nem conhece algo imutável. Agostinho compreende que uma coisa é ver e acreditar em algo, outra coisa é contemplar na própria verdade.¹³⁷ É contemplando a verdade inviolável que conseguiremos definir as coisas e a realidade de modo perfeito “não qual seja o estado da alma de cada um, mas qual deva ser, conforme as razões eternas”.¹³⁸

Por isso, quando descobrimos que colocamos o nosso amor em uma pessoa que não é digna imediatamente retiramos dela o nosso amor, porém sem retirar a imagem que nos fez acreditar que ela era sincera e digna.¹³⁹

¹³² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 10, 14.

¹³³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 10 14.

¹³⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 2, 2.

¹³⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 4, 4.

¹³⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 4, 5.

¹³⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 6, 9.

¹³⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 6, 9.

¹³⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 6, 11.

Essa forma de verdade imutável e permanente banha com sua imperturbável eternidade e com a mesma luz racional incorruptível e puríssima, tanto o meu próprio olhar da mente como daquela representação imaginária que me forjara do homem que vira e que agora contemplo sob a luz do alto.¹⁴⁰

É na Verdade eterna que todas as coisas temporais foram feitas e é também nela que contemplamos a forma que serve de modelo a nosso ser, e é conforme esse modelo que agimos. É por meio dela que temos o conhecimento verdadeiro das coisas, conhecimento como um verbo gerado em nosso interior.¹⁴¹ Todas as nossas ações, bem como o que aprovamos ou reprovamos é antecipado por esse verbo gerado em nós, pois ninguém age voluntariamente sem antes ter dito ou pensado em seu coração.¹⁴²

Esse verbo é concebido por amor das criaturas ou do Criador, ou seja, de natureza mutável ou verdade imutável. É a concupiscência ou a caridade que o concebe.¹⁴³ Com isso, não quer dizer que a criatura não deva ser amada, mas que se o Amor for dirigido a Deus não será concupiscência, mas caridade. A concupiscência acontece quando amamos a criatura pela criatura.¹⁴⁴ É em Deus que devemos gozar e nos comprazer, é também nele que devemos gozar daqueles que amamos como a nós mesmos.¹⁴⁵

O verbo é concebido e nasce quando a vontade repousa no conhecimento. Bem como uma pessoa conhece e ama a justiça já é justa antes mesmo de traduzir esse ideal de justiça em atos, diferente daquilo que foi concebido pela concupiscência que só nasce ao possuído o que se deseja.¹⁴⁶ Tudo o que fazemos e praticamos sejam boas ou más ações estão relacionadas com o parto do verbo.¹⁴⁷

Embora falando acerca do verbo, Agostinho deseja saber se tudo é verbo ou somente o conhecimento amado, pois também conhecemos aquilo que odiamos.¹⁴⁸ Se as coisas que odiamos é com justa causa que nos aborrecem, a repulsa então nos agrada e é um verbo, explica Oliveira.¹⁴⁹

O verbo que agora queremos discernir e insinuar, é pois o conhecimento unido ao amor. Eis porque, quando a mente se conhece e se ama, seu verbo junta-se

¹⁴⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 6, 11.

¹⁴¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 7, 12.

¹⁴² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 7, 12.

¹⁴³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 8, 13.

¹⁴⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 8, 13.

¹⁴⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 8, 13.

¹⁴⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 9, 14.

¹⁴⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 9, 14.

¹⁴⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 10, 15.

¹⁴⁹ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 633.

a ela com amor. E visto que ela ama seu conhecimento e conhece seu amor, o verbo está no amor e o amor no verbo. Um e outro naquele que ama e diz.¹⁵⁰

Quando a mente adquire conhecimento conforme à ideia, este, é semelhante ao objeto que ela conhece. “Portanto, a alma tem em si alguma semelhança com a ideia que ela conhece, seja quando ela lhe agrada, seja quando, devido à privação, ela lhe desagrada”.¹⁵¹

Assim, à medida que conhecemos a Deus, nos tornamos semelhantes a ele e melhores do que éramos antes de o conhecer e se esse conhecimento nos é agradável e provoca o amor que a ele é devido, é um verbo, e torna-se semelhança de Deus.¹⁵²

Diante disso Agostinho afirma:

Quando a alma se conhece e aprova o conhecimento que tem de si mesma, esse conhecimento que é seu verbo, lhe é perfeitamente igual e adequado, e isso a cada instante. [...] E como o conhecimento assemelha-se ao que ela conhece, essa semelhança é adequada e perfeita, igual à própria mente que conhece e é conhecida.¹⁵³

Ainda se confrontando, o bispo de Hipona se pergunta sobre o que é o amor e por que a mente gera o seu conhecimento quando se conhece e não gera o seu amor quando se ama. Ao explicar nos faz perceber o como a mente com o seu conhecimento amado é imagem da Trindade.

Para que se conheça algo é necessária a existência de algo cognoscível, algo que possa ser conhecido e que, todavia, seja ignorado.

[...] Todas as coisas que conhecemos geram ao mesmo tempo em nós o seu conhecimento. Pois todo conhecimento é gerado por ambos: pelo cognoscente e pelo objeto conhecido. Então, quando a mente conhece-se a si mesma ela sozinha gera o seu conhecimento, pois é ao mesmo tempo ela que conhece e é conhecida.¹⁵⁴

Por que não havemos de pensar que acontece o mesmo com o amor, ou seja, que, quando a mente se ama, ela também gera o seu amor? O santo Doutor aponta que não é certo afirmar que a mente gera o seu amor, porque é pelo conhecimento que ela o descobre e o manifesta.¹⁵⁵

¹⁵⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 10, 15.

¹⁵¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 11, 16.

¹⁵² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 11, 16.

¹⁵³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 11, 16.

¹⁵⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 12, 18.

¹⁵⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 12, 18.

A mente, quando se conhece é pai de seu conhecimento. O amor porém, começa a existir de certa maneira antes do parto do verbo. Ele foi que inclinou a formá-lo. E uma vez formado, o verbo não deixa o amor mudar de natureza. O amor continua unitivo e conectivo. [...] O amor, pois, está duplamente ligado a toda e qualquer geração. Ele é sua causa e o apego ao fruto conseguido.¹⁵⁶

A descoberta é sempre precedida de uma busca e esta é desejo de descobrir, de encontrar. O que se acha é como dado à luz e é semelhante à filiação. O desejo inspira a busca, e ele procede daquele que procura e não encontra paz enquanto o objeto de sua busca não é encontrado. Esse desejo ainda precede o que a mente vai parir, porque procura e encontra o que desejamos conhecer. É aí que nasce a prole que é o conhecimento. Ao desejar e aspirar ao conhecimento torna-se amor do conhecimento.¹⁵⁷

É ao construir esse argumento sobre a geração e nascimento do conhecimento que Agostinho nos faz perceber a imagem da Trindade:

A própria mente; seu conhecimento, que é a sua prole [...] e um terceiro elemento, o amor. Esses três formam uma única unidade e são de uma mesma substância. A prole, ou seja, o conhecimento não é inferior à mente, se esta se conhece na medida de todo o seu ser. O amor também não é inferior, se a mente se ama a si mesma na proporção em que se conhece e existe.¹⁵⁸

2.5 O amor e a busca do conhecimento

Ao abordar a relação do amor e a busca do conhecimento, Agostinho traz à discussão a questão de que ninguém pode amar algo que lhe é totalmente desconhecido. É necessário que tenha noção de algo para ser excitado em aprendê-lo. Então, o que amamos quando ainda não conhecemos? Ora “é pois a beleza e a utilidade desse ideal (*speciem*) que a alma percebe, conhece e ama. E é esse ideal que se esforça por aperfeiçoar em si [...]”.¹⁵⁹

Aquele que se dedica ao estudo e deseja saber o que ignora “ama não o que desconhece, mas aquilo que sabe, e em vista desse conhecimento deseja saber o que ainda não sabe”.¹⁶⁰ É um pouco paradoxal esse pensamento, pois para desejar saber algo é preciso ignorar, mas também saber algo sobre o que se quer aprender.

¹⁵⁶ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 635.

¹⁵⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX 12, 18.

¹⁵⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, IX, 12, 18.

¹⁵⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 1, 2.

¹⁶⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 1, 2.

E querendo entender como a alma se ama se é desconhecida a si mesma, Agostinho parte da reflexão que “é em si que ela sabe o que é conhecer”.¹⁶¹ Já que conhecer algo é ter ciência, ou seja, é conhecer que conhecemos. “Ao se buscar para se conhecer já se conhece procurando-se para se conhecer. [...] Pelo fato de se procurar a si mesma fica provado que ela é mais conhecida a si mesma do que ignorada. Conhece-se, pois, procurando-se, e ignora-se ao se procurar para se conhecer”.¹⁶²

Ora, quando sabe algo é a alma toda que sabe. A pessoa é indivisível no ato de conhecer e conhece-se conhecendo algo.¹⁶³

Então, por que é dado à alma o preceito para conhecer a si mesma? “Conforme creio, é para ela se pensar em si mesma e viver de acordo com sua natureza, ou seja, para que se deixe governar por aquele a quem deve estar sujeita, e acima das coisas que deve dominar”.¹⁶⁴ Pois, ao saber o que é, a alma deverá viver segundo a sua natureza e colocar-se no lugar que lhe convém. É o conhecimento de si que faz com que a alma viva conforme a sua natureza, de maneira ordenada e pautada pela razão.

Ainda refletindo sobre o conhecimento, Agostinho distingue duas situações que são bem diferentes: uma coisa é a alma não se conhecer e outra não pensar em si mesma. “É tanta a força do amor, que as coisas em que a mente pensou longamente com amor e a elas aderiu com o visco do apego com amor, ela as leva dentro de si mesma, mesmo quando delas se distancia, de certo modo, para pensar-se em si mesma”.¹⁶⁵

No processo de conhecer-se a alma pode confundir-se com as coisas que ama e com as imagens sensíveis e exteriores que criou em si. Mesmo com o mandato de conhecer-se a si mesma ela não é uma desconhecida para si. É necessário que ela afaste tudo o que acumulou sobre si para se perceber e ver-se tal como ela é, precisa entender que é “mais íntima a si mesma do que as coisas sensíveis e extrínsecas e também mais do que as imagens desses objetos existentes nessa parte de sua alma [...]”.¹⁶⁶

A interioridade será a condição para adquirir o verdadeiro conhecimento de si, pois é desprendimento, ascese e afastamento do sensível.¹⁶⁷ Conhecer-se não é simplesmente saber de

¹⁶¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 3, 5.

¹⁶² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 3, 5.

¹⁶³ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 639.

¹⁶⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 5, 7.

¹⁶⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 5, 7.

¹⁶⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 8, 11.

¹⁶⁷ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 644.

suas aptidões, temperamentos e caráter, mas a verdade da sua existência enquanto pessoa, a sua própria essência como espírito, isto é, a aquisição da autoconsciência.¹⁶⁸

A alma se conhece no momento mesmo em que se procura. É durante o percurso da busca que ela sabe que existe, vive e entende, assim como sabe o que quer, pois para querer é preciso ser, viver.

Para o Santo Doutor, das três faculdades (memória, inteligência e vontade) que o homem possui, as duas primeiras contêm o conhecimento e a ciência das coisas e a vontade está lá para nos fazer gozar e usar das coisas.¹⁶⁹

Gozamos do que conhecemos, quando a vontade repousa com complacência nessas coisas. Fazemos uso quando referimos esses conhecimentos para outro fim, o qual será o verdadeiro objeto de gozo. E a única coisa que torna má e culpável a vida humana é o mau uso e o mau gozo.¹⁷⁰

O conhecimento das coisas e da natureza auxilia o homem na compreensão do uso reto e justo das mesmas. Agostinho tem uma concepção de mundo ordenado e hierarquizado. O homem deve compreender essa ordem e pautar a sua vida por meio dela. Faz-se necessário saber usar e gozar dos bens, passando pelos bens corporais e temporais até chegar às realidades espirituais.

Mas o que vem a ser esse usar e gozar das “coisas” com ciência e sabedoria? Marcos Roberto Nunes da Costa vai dizer que “Agostinho identifica o termo ‘fruir’ ou gozar com o próprio amor, já que não se pode fruir ou gozar senão do próprio amor – Deus. ‘Utilizar’ ou usar ao contrário é servir-se de algo para alcançar outro que se ama”.¹⁷¹ E Hannah Arendt, afirma que, “aquilo que devemos fruir faz-nos felizes. Aquilo que devemos usar ajuda-nos no nosso esforço para alcançar a beatitude”.¹⁷²

É por isso que

a atitude do cristão diante dos bens temporais deriva diretamente da sua entidade mesma como cristão, ou seja, de um homem que tem por fim último a posse de Deus na Vida Eterna, a beatitude. [...] O cristão deve, pois, amar exclusivamente este valor supremo; desse modo, com *ordinata charitate*, ele fará uso dos bens temporais, que serão tidos pelo mesmo como valores secundários na medida mesma em que podem ser ordenados à consecução da

¹⁶⁸ OLIVEIRA, *ibid.*, 2008, p. 645.

¹⁶⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 10, 13.

¹⁷⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 10, 13.

¹⁷¹ COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 30.

¹⁷² ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, p. 37.

Vida Eterna. Nisto consiste o *bene uti*: fazer com os bens temporais boas obras que permaneçam para a eternidade.¹⁷³

O santo teólogo afirma que uma alma merece ser louvada não só quando ela é instruída, mas também quando manifesta bondade. Deve-se levar em consideração não só o que lembra e compreende, mas também o que quer, ou seja, o que ama. É digna de louvor uma alma que ama o que é digno de ser amado com ardor.¹⁷⁴

“Sem a ciência, não se pode sequer adquirir as virtudes pelas quais levamos uma vida reta e governamos de tal modo esta mísera existência que conseguiremos alcançar a verdadeira vida feliz que é a eterna”.¹⁷⁵

Agostinho faz distinção entre a contemplação dos bens e a ação que nos permite fazer o bom uso dos bens temporais. “A contemplação é atribuída à sabedoria e a ação à ciência”.¹⁷⁶ E para aprofundar o seu pensamento se utiliza do texto de Jó que diz: “O temor do Senhor, eis a Sabedoria; fugir do mal, eis a Inteligência” (Jó 28,28). A sabedoria refere-se à contemplação e a ciência à ação.

Para o Hiponense nessa passagem a piedade designa o culto de Deus e este é o amor de Deus pelo qual desejamos vê-lo e cremos e esperamos que o veremos.¹⁷⁷ E quanto a abster-se do mal que Jó considerou ciência está voltado para o campo temporal, “pois é no tempo que estamos sujeitos ao mal do qual devemos nos abster, para chegarmos aos bens eternos”.¹⁷⁸

2.6 O amor e a felicidade

Todos os homens querem a felicidade e desejam isso apaixonadamente. E como não é possível amar o ignorado e nem ignorar o que sabe que está desejando conclui-se que todos sabem o que seja a vida feliz e que todos os que são felizes já possuem o que desejam. Mesmo sabendo que ninguém é feliz se não tem o que quer, há também os que possuem o que querem e ainda assim não são felizes.¹⁷⁹ Para Agostinho é feliz aquele que possui tudo o que deseja e

¹⁷³ RAMOS, Manfredo, apud, COSTA, op. cit p. 31.

¹⁷⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, X, 11, 17.

¹⁷⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XII, 14, 21b.

¹⁷⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XII, 14, 22.

¹⁷⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XII, 14, 22.

¹⁷⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XII, 14, 22.

¹⁷⁹ GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 18 – 19.

nada quer que seja mal.¹⁸⁰ Podemos então, dizer que, “amar não é mais do que desejar (*appetere*) uma coisa por si mesma”.¹⁸¹

Esse desejo será a possibilidade dada ao homem de entrar na posse do seu bem, daquilo que deseja.¹⁸² A grande questão ou “o problema da beatitude, portanto, consiste em saber o que o homem deve desejar para ser feliz e como pode adquiri-lo”.¹⁸³

“É impossível encontrar bens, principalmente os que tornam os homens bons e felizes, se não vierem de Deus para o homem e não aproximarem o homem de seu Deus”.¹⁸⁴ Então, o que devemos desejar para ser feliz? E quais condições? Com certeza deve ser algo permanente que não participe do acaso e da fortuna e que não seja perecível.¹⁸⁵ Já que,

[...] amar o que se pode perder é viver num temor perpétuo incompatível com a verdadeira felicidade. Ora, somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. Aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e também, por conseguinte o desejo de Deus é a única via que conduz à beatitude.¹⁸⁶

O homem é chamado a amar não o que é material e perecível, pois se assim o fizer estará materializando-se e condenando-se a perecer, mas a amar o eterno e assim eternizar-se, porque amar a Deus é tornar-se ele.¹⁸⁷

Decerto que, “se alguém já é feliz, tudo o que deseja é possível para ele, pois não desejou algo impossível de ser realizado. Mas esse gênero de vida não é próprio à condição mortal, só o será quando se tornar imortal”.¹⁸⁸

Pois a imortalidade tal como a felicidade é desejada por todos os homens. Entretanto, buscar a felicidade nesta vida parece algo fictício e desesperam-se da imortalidade, tendo em vista que sem ela a verdadeira felicidade não é possível.¹⁸⁹

Para que o homem viva feliz é mister que viva. Se a vida abandona alguém que morre, como poderá permanecer com ele a vida feliz? Ao perder a vida, a pessoa ou não aceita essa perda; ou a aceita; ou ainda permanece indiferente, a favor ou contra a morte. Se resiste, como pode ser feliz essa vida que deseja

¹⁸⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008,. XIII, 5, 8.

¹⁸¹ ARENDT, *ibid.*, p.17.

¹⁸² ARENDT, *ibid.*, p. 18.

¹⁸³ GILSON, *ibid.*, 2010, p. 19.

¹⁸⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 7, 10.

¹⁸⁵ GILSON, *ibid.*, 2010, p. 19.

¹⁸⁶ GILSON, *ibid.*, 2010, p. 19.

¹⁸⁷ GILSON, *ibid.*, 2010, p. 26.

¹⁸⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 7, 10.

¹⁸⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 7, 10.

viver e não pode conservar? Porque ninguém é feliz se deseja alguma coisa que não pode possuir.¹⁹⁰

Agostinho se coloca diante de perguntas extremamente pertinentes e instigantes com relação ao desejo da felicidade e da imortalidade. Para citar algumas delas temos: como pode ser feliz a vida que a quer abandonar ou manter-se indiferente que ela exista ou feneça. Contudo, nosso bispo conclui que só podem ser felizes tendo a vida e almejando que ela não pereça. Pois, “a vida que é eterna e feliz é a Vida propriamente dita. A vida feliz encontra-se lá onde o nosso ser não terá morte. Portanto, o bem ao qual o amor aspira é a vida, e o mal que o medo afasta é a morte”.¹⁹¹ Assim, “querem ser imortais todos aqueles que são felizes ou desejam sê-lo”.¹⁹²

Todos os homens querem a felicidade, mas nem todos possuem fé para chegar a ela pela purificação do coração. Acontece que esse caminho que nem todos desejam é o verdadeiro caminho para a felicidade, a qual ninguém pode alcançar se não o quiser. E, não obstante, alguns se desesperam por ser mortais. Querem ser imortais, mas não acreditam que podem e vivem como se não pudessem ser. Por isso, a fé é necessária para a obtenção da felicidade.¹⁹³

A fé assegura-nos que a imortalidade está apoiada em Cristo, que na carne ressuscitou dentre os mortos, para nunca mais morrer (Rm 6,9). É que apenas por ele pode alguém libertar-se do poder do demônio pela remissão dos pecados, pois a vida sob o poder diabólico deve ser necessariamente uma morte, embora chame vida e mesmo eterna.¹⁹⁴

¹⁹⁰ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 8, 11.

¹⁹¹ ARENDT, *ibid.*, p. 19.

¹⁹² AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 8, 11.

¹⁹³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 20, 25.

¹⁹⁴ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 20, 25.

3 CONTRIBUIÇÕES DE SANTO AGOSTINHO PARA O SÉCULO XXI: A PRÁTICA DO ÁGAPE E OS SEUS DESAFIOS

3.1 A atualidade do pensamento de Agostinho

Em sua trajetória existencial, Agostinho foi um homem que viveu em constante busca da verdade. Seus discursos e suas obras literárias eram um intuito de transmitir sua busca e sua conquista aos demais. Para perceber a grandiosidade do seu pensamento é pertinente observar que, no Ocidente, depois da Bíblia, o seu livro autobiográfico *Confissões* é um dos mais vendidos, e não aparece em nenhuma lista de *best-sellers*.

Segundo Luiz Antônio Pinheiro, Agostinho é um dos padres mais citados nos documentos do Vaticano II e também está presente nos pronunciamentos oficiais dos últimos Papas como Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI, este último, em sua primeira encíclica *Deus caritas est* deixa transparecer uma explícita influência agostiniana.¹⁹⁵

É notório perceber ainda o quanto do ponto de vista acadêmico, Santo Agostinho é o autor sobre o qual mais se escreve: encontramos seu pensamento discutido em teses, dissertações, monografias, artigos e livros.¹⁹⁶

Antes de iniciarmos um diálogo com Agostinho, precisamos levar em consideração que o mesmo é um pensador do século IV e, portanto, a sociedade, a realidade política e as relações interpessoais de seu tempo são completamente diferentes da nossa época.

Todavia, ao trazê-lo para o nosso contexto social e cultural e com ele dialogar sobre a nossa realidade nos dá a oportunidade de rever e refletir nossa prática religiosa, nossa relação com o próximo e com Deus, nosso exercício político, nossa inserção na sociedade, nossa busca por conhecimento e pela verdade, nosso desejo de felicidade e, poderíamos citar muitas outras questões e realidades humanas que caberiam nesse diálogo com o santo Doutor, pois quando nos dispomos a falar e refletir sobre o ser humano percebemos que ele não é um ser isolado, mas de relação e com múltiplas dimensões existenciais.

A sociedade na qual estamos inseridos é marcada por vários fatores e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) destaca os seguintes: o individualismo, o hedonismo, o indiferentismo e a cultura midiática. No individualismo percebe-se que “não existe mais a busca do bem comum, mas cada um pensa em si mesmo, em atingir o ‘próprio bem’, vigorando a

¹⁹⁵ PINHEIRO, Luiz Antônio. *A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 116, dez. 2008.

¹⁹⁶ FITZGERALD, *apud* Pinheiro, *ibid.*, 2008, p. 116.

mentalidade do consumismo”.¹⁹⁷ Com o hedonismo percebemos “[...] a forte presença do prazer colocado como critério último de todas as ações humanas. Um prazer alcançado sem fadigas e sem esforços: um prazer que não possui outra regra senão a si mesmo”.¹⁹⁸ Com o indiferentismo assinalamos “a perda do ‘sentido da vida’ e, como consequência, a ‘perda de Deus’. Verifica-se uma situação de indiferentismo elevado; nada tem importância, uma coisa vale a outra, uma queda de interesse por todas as coisas”.¹⁹⁹ E com a cultura midiática

estamos vivendo um novo tipo de convivência, onde é fundamental a dimensão das relações que ultrapassam as distâncias de espaço e tempo: nasce a aldeia global e não mais a megalópole local. As estruturas de convivência mudaram, os sistemas de coligação se modificaram. Ultrapassando lugares e momentos, o ritmo e a configuração da sociedade se transformaram. As relações não são mais mecanicamente engrenadas, mas se realizam comunicativamente.²⁰⁰

E para além do contexto social precisamos ainda rever a vivência da fé e a nossa prática eclesial e religiosa, pois,

numa época em que proliferam tendências e práticas religiosas e espirituais, muitas vezes desencarnadas e alienantes, sem consistência humana, teológica e eclesial, Agostinho, uma vez mais, nos oferece uma espiritualidade ancorada na genuína tradição da Igreja, convidando-nos a unir inteligência e coração na vivência, reflexão e contemplação das coisas da vida e da fé.²⁰¹

Com esse colóquio perceberemos o quanto nós, mulheres e homens, do século XXI temos a aprender com esse homem filósofo, teólogo e cristão do século IV. Mas sem esquecer de situá-lo em seu devido tempo histórico, pois haverá conceitos e pensamentos que não cabem em nossa contemporaneidade. É importante ressaltar que as sociedades se transformam, o contexto sócio-político-cultural apresenta outras problemáticas, mas apesar disso, o então Cardeal Ratzinger, nos adverte que, “em Santo Agostinho o homem apaixonado, que sofre, que interroga, está sempre presente, e cada pessoa pode identificar-se com ele”.²⁰²

¹⁹⁷ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético*. Brasília: CNBB, 2014, p. 22.

¹⁹⁸ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *ibid.*, 2014, p. 23.

¹⁹⁹ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *ibid.*, 2014, p. 24.

²⁰⁰ MORAES, Abmar, *apud* Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética. *ibid.*, 2014, p. 25.

²⁰¹ PINHEIRO. *ibid.*, 2008, p. 116.

²⁰² RATZINGER, *apud* Pinheiro, *ibid.*, 2008, p. 118.

Estudar e contextualizar o pensamento de Agostinho nos dá a possibilidade de iluminar e repensar nossa trajetória enquanto seres humanos que vivem em sociedade, que estão em processo de mudança e aperfeiçoamento, que desejam arduamente a verdade e o conhecimento de si, que criam laços e que precisam se engajar na luta por uma existência mais digna e uma sociedade mais igualitária e equitativa.

3.2 Agostinho e antropologia teológica: corpo e limites da reflexão

Cada geração procura dar respostas à indagação sobre o que é o ser humano. Sempre somos confrontados a nos conhecer e a dizer quem somos, o que queremos, o que faremos de nós, qual o nosso destino e a realidade agostiniana envolta de ceticismo, maniqueísmo, neoplatonismo e cristianismo teve que dar uma resposta a estas perguntas. Entretanto, antes de expor o pensamento do bispo de Hipona vamos apresentar o pensamento bíblico sobre o homem levando em consideração que este, juntamente, com as demais doutrinas e seitas plasmaram o raciocínio do Hiponense.

Conforme Helcion Ribeiro, o povo da Bíblia com o seu modo peculiar de pensar e perceber a própria existência compreendia o ser humano como uma totalidade complexa, pluridimensional e aberta às relações com Deus, com os outros e com o mundo.²⁰³ Utiliza ainda uma linguagem descritiva e fala de um aspecto do ser humano com o intuito de indicar o todo. “Assim palavras como ‘rim’, ‘coração’, ‘corpo’, ‘alma’, ‘espírito’, ‘mão’, ‘sangue’, ‘ossos’, ‘vísceras’ etc. sempre têm o sentido de indicar o todo pela parte”.²⁰⁴

O homem é um ser vivente, razão pela qual a Bíblia utiliza o termo “*nefesh*”, que significa que ele é “*nefesh*” e não que tem “*nefesh*”. Este termo foi traduzido como “*psyche*” para o grego pelos LXX e, a partir de então, para o latim como “alma” ou “anima”. O homem é ainda um ser frágil, mortal, terrestre e para indicar esta realidade usava a palavra “*basar*” que indicava a fragilidade e a finitude do ser humano. Ao ser traduzida ao grego na versão dos LXX, “*basar*” foi identificado com “*sarx*” que significa “carne”, “corpo biológico”. Em sentido bíblico o corpo pode ser carnal ou espiritual, instrumento do Espírito ou do egoísmo. E como imagem de Deus o ser humano recebeu o “sopro divino” ou a “*ruah*” que qualifica a interioridade (*nefesh*) e as relações sociais (*basar*) do ser humano. O termo “*ruah*” foi traduzido na versão dos LXX por “*pneuma*” e para as demais línguas ocidentais por “espírito”.²⁰⁵

²⁰³ RIBEIRO, Helcion. *Antropologia Teológica*. Batatais: Claretiano, 2013, p. 68.

²⁰⁴ RIBEIRO, *ibid.*, 2013, p. 68.

²⁰⁵ RIBEIRO, *ibid.*, 2013, p. 69 – 71.

A fé bíblica apresenta o ser humano a partir da revelação e o compreende como imagem e semelhança de Deus, todos homens e mulheres, independentemente de qualquer situação e, por isso, tem confirmado sua dignidade. Todavia, se faz necessário compreender que o ser humano não é Deus, mas a sua imagem; porque foi criado, não é criador; é o interlocutor de Deus; é naturalmente bom, mas não perfeito, deve crescer e aperfeiçoar-se e, por fim, que a imagem de Deus está em todos e em cada um em particular.²⁰⁶

Agostinho segue a tradição bíblica ao afirmar que o ser humano é criado à imagem de Deus, entretanto, utiliza a fórmula platônica para definir o homem como uma alma que se serve de um corpo. Reale e Antiseri afirmam que para o santo Doutor “tanto o conceito de alma como o de corpo assumem um novo significado em virtude do conceito de criação [...], do dogma da ‘ressurreição’ e, sobretudo, do dogma da encarnação de Cristo”.²⁰⁷

Infelizmente, no percurso histórico do cristianismo houve desvios em compreender a situação humana, principalmente em relação ao corpo. O próprio Agostinho defendeu uma supremacia do espírito em relação ao corpo. A alma deve reinar sobre este e dirigi-lo para a prática do bem.

Convém recordarmos, desde logo, o epistemológico dessa compreensão dualista (tipo platônico) ou de unidade composta (tipo aristotélico) que pervadiu a vida dos ocidentais, sobretudo dos cristãos. Tal ideologia acabou por estabelecer complexos existenciais, transformando o corpo (nesse dualismo ou dualidade excludente) em ocasião maior de pecado, especialmente nas questões de sexualidade. Praticamente tudo quanto dissesse respeito à corporeidade era ocasião propícia de pecado. Isso envolvia não apenas o sexo, mas também todos os prazeres (lícitos e ilícitos).²⁰⁸

Com isso, criou-se uma antropologia prática que rejeita o corpo ao ponto de flagelá-lo e exigir sua anulação. Ainda hoje, somos herdeiros desse pensamento que força o ser humano a identificar-se pela sua alma, pois assim se assemelharia a Deus. “Nesse contexto, (supostas) virtudes de pureza, de castidade e de elevação do espírito, contra as referências corporais e a matéria, eram instrumentos eficazes enquanto se vivia como ‘degredados filhos de Eva, gemendo e chorando neste vale de lágrimas’”.²⁰⁹

Em nossa contemporaneidade se faz necessário resgatar a compreensão bíblica de ser humano e Jean-Yves Lacoste nos diz que “é antes de tudo às filosofias do corpo que a teologia

²⁰⁶ RIBEIRO, *ibid.*, 2013, p. 75.

²⁰⁷ REALE; ANTISERI, *ibid.*, 2003, p. 438.

²⁰⁸ RIBEIRO, *ibid.*, 2013, p. 141.

²⁰⁹ RIBEIRO, *ibid.*, 2013, p. 141.

recente deve seu cuidado de reorganizar uma visão bíblica do homem, e a elas deve os meios conceituais dessa reorganização”.²¹⁰

Esse ser humano criado por Deus do barro manifesta a sua realidade existencial a partir do seu corpo. É com base no corpo que se percebe o humano que é cada pessoa. Jaroslaw Merecki afirma que “não identificamos a pessoa com o espírito [...], mas reconhecemos a sua identidade a partir da imagem exterior do seu corpo.”²¹¹

Quando alguém toca o nosso corpo podemos dizer: “tocaste a minha mão”, mas também constatar “tocaste-me” ou simplesmente perguntar “quem me tocou?”. “Este testemunho da nossa linguagem comum mostra que quem toca o meu corpo não entra somente em contato com uma ‘*res extensa*’, mas, não entra em contato com uma *res*, alguma coisa, mas com uma pessoa, alguém com um ‘eu’”.²¹²

Ainda que não se tenha perdido por completo o pensamento bíblico sobre o ser humano no cristianismo é necessário recuperar a antropologia jesuânica, pois não observamos Jesus afastar-se dos corpos alegando interesses espirituais. Em algumas situações o vemos sendo acusado de não ser asceta (Mt 11,18s; Mt 9,14) e seus mandamentos mais urgentes referem-se ao cuidar dos corpos nus, famintos, prisioneiros (Mt 25,31-46) e antes da sua morte não deixou somente suas palavras, mas o seu próprio corpo como alimento aos discípulos.²¹³

3.3 O ser humano e suas relações amorosas

O ser humano enquanto criatura de Deus é amada, querida e desejada por Ele. O papa Bento XVI em sua encíclica *Deus caritas est* nos assevera: “O único Deus que Israel crê ama pessoalmente. [...] E o seu amor é um amor de eleição: entre todos os povos ele escolhe Israel e ama-o”.²¹⁴ O seu amor é infinito e profundo. Deus instrui Israel, entrega-lhe a Torá e convida-o a servi-Lo e amá-Lo de todo o seu coração e com todo o seu entendimento.

E o apóstolo João, em uma de suas cartas, nos diz: “E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele cremos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Amamos porque primeiro recebemos de Deus o amor.

²¹⁰ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 104.

²¹¹ MERECKI, Jaroslaw. *Corpo e transcendência: a antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II*. Brasília: CNBB, 2014, p. 64.

²¹² MERECKI, *ibid.*, 2014, p. 65.

²¹³ LACOSTE, *ibid.*, 2004, p. 98.

²¹⁴ BENTO XVI, Papa. *Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 9.

Fomos amados quando não merecíamos. Esse amor é um dom concedido a nós. Nossa “disposição” em amar será uma resposta a este amor incondicional e gratuito de Deus.

O Senhor Nosso Deus pede-nos que O amemos de todo o nosso coração e com toda a nossa alma e ao nosso próximo como a nós mesmos. Amar a Deus é reconhecê-lo como o único Bem, como a fonte de todos os bens que possuímos em nossa vida. É por Ele e Nele que todas as coisas são boas. Sem Ele nenhum bem transitório existiria.

O amor que é louvado e exaltado pelas Sagradas Escrituras, e trabalhado e estudado por Agostinho é o amor ao Bem. O objeto do amor é o bem, pois não há uma única pessoa que queira ou ame o mal enquanto mal. Todos querem ter uma vida boa e feliz. Por isso, amamos aquilo que é bom: uma boa alimentação, a saúde, a riqueza que facilita a vida, a poesia harmoniosa. Se, entretanto, contemplarmos o Bem, veremos a Deus que é bom não por algum bem, mas por ser o Bem de todos os bens.²¹⁵

Atrelado ao mandamento de amar ao Senhor está o amar ao próximo. No entanto, em nosso contexto social está cada vez mais difícil abrir-nos ao outro e vivenciar com ele uma relação afetiva. Não há mais compromisso entre as pessoas. As interações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais fracos e o amor tornou-se relativo, banalizado e “líquido”.²¹⁶

Apesar de o termo amor estar banalizado em nossa contemporaneidade, é importante observar que ele permeia todas as nossas interações e por mais que nos apercebamos como egoístas e individualistas o cuidado com o outro não foi totalmente perdido.

Agostinho questionava-se como mantemos uma relação amorosa com esse Deus que nós não vemos, mas que cremos? Para ele amamos a Deus apoiados na fé e o amamos plenamente à medida que nos voltamos para o nosso irmão e o acolhemos e nos preocupamos com ele, pois Deus está entre nós quando praticamos o amor. “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). E veremos a Trindade se virmos a caridade brotar em nossos relacionamentos.

Ora, o ser humano, criado à imagem da Trindade, é um ser de relações. Relaciona-se consigo e com os outros: Deus, o seu semelhante, a natureza. Não vive de maneira isolada e independente dos demais seres. Possui por vocação o amor. “O que é, portanto, o amor, senão uma certa vida que enlaça dois seres, ou tenta enlaçar, a saber: o que ama é o que é amado?”²¹⁷

²¹⁵ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, XIII, 3, 4.

²¹⁶ Amor líquido é um conceito trabalhado por Zygmunt Bauman em seu livro “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”. Esse amor é vivenciado a partir do padrão dos bens de consumo: as pessoas os mantêm enquanto eles trazem satisfação e o substituem por outros que prometem ainda mais satisfação.

²¹⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 10, 14.

Todo homem e toda mulher primeiramente são amados por Deus. Entretanto, não podem limitar-se a apenas receber amor, devem dá-lo também. Então, como viver esse mandamento proposto pelo Senhor? Ele já estava escrito na lei de Moisés (Lv 19,18) e Jesus a ele se refere em Lc 10,27. Mas Jesus chama de “seu” mandamento e de “novo” mandamento, por quê? O frei Raniero Cantalamessa nos responde dizendo que, “com ele mudaram o sujeito, o objeto e o motivo do amor ao próximo”.²¹⁸

Com Jesus mudou o objeto, isto é, quem é esse próximo que deve ser amado. Agora “não é mais só o compatriota, ou o hóspede que habita em meio a nós, mas todo ser humano, inclusive o estrangeiro (o samaritano!), inclusive o inimigo!”.²¹⁹ Mudou também o sujeito do amor ao próximo, o significado de próximo. O próximo “não é o outro; sou eu. Não é quem está perto, mas quem se aproxima. Com a parábola do Bom Samaritano, Jesus demonstra que não devemos esperar passivamente que o próximo surja em nosso caminho [...]. O próximo é você, ou seja, aquele que você pode se tornar”.²²⁰

E acima de tudo, mudou o critério do amor ao próximo. Até Jesus, o modelo de amor era como a si mesmo. E não nos foi solicitado “Amarás o próximo como ao teu Deus”, pois podemos enganar e trapacear a maneira de como amamos a Deus, mas quanto a amar a si mesmo, não. Todo ser humano sabe em qualquer circunstância o que significa amar a si mesmo. Mas mesmo esse amar a si mesmo pode ser do jeito errado, desejando o mal e o vício.²²¹ Por isso, Jesus substitui esse modelo por outro: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).

O frei Cantalamessa ainda afirma: “com Jesus, passamos da relação a dois: ‘o que o outro te faz, fá-lo a ele’, para a relação a três: ‘o que Deus te fez, faz tu ao outro’, ou, partindo da direção oposta, ‘O que tu tiveres feito com o próximo, é o mesmo que Deus fará contigo’”.²²²

O duplo preceito do amor se refere a Deus e ao próximo. No entanto, o jesuíta André Fossion nos adverte que nossos contemporâneos vivem sem amar a Deus e “sem por isso se verem privados de sentido, de projetos ou de valores”.²²³ E, ainda conforme Fossion vivemos em um contexto social em que Deus não é visto como necessário e evidente. As pessoas que não O servem, não O amam e não O querem “junto” a si, não obstante, são felizes, virtuosas, amorosas e comprometidas com o outro.

²¹⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *Eros e Ágape: as duas faces do amor humano e cristão*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 40.

²¹⁹ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 40.

²²⁰ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 40 – 41.

²²¹ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 41.

²²² CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 42.

²²³ FOSSION, André. *O Deus desejável: proposição da fé e iniciação*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 15.

Aos cristãos competem observar essa realidade e reconhecer o amor de Deus no mundo, pois é em Deus que “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28).

De certa maneira, como crentes, nós temos, sem dúvida, de nos reconciliar teologicamente com o mundo agnóstico e ateu que é o nosso, vendo nele a obra do próprio Deus que possibilita aos homens viver e florescer sem ser ele mesmo necessário ou evidente. Seria o caso, em outros termos, de reconhecer a riqueza infinita do amor de Deus que dá a vida se apagando, caindo no esquecimento, retirando-se na discrição.²²⁴

Os crentes precisam aprender a dinâmica de amor vivenciada por Deus e descrita pelo apóstolo Paulo em 1 Cor 13. Amar gratuitamente, sem cálculos e independente dos méritos. Amar a realidade e a condição humana. Crer que todos fazem parte da grande família de filhos de Deus. E acreditar que, conforme Christoph Theobald “ninguém está obrigado a isso (a fé em Cristo), ‘a única necessidade’ para viver é acreditar que a vida vale a pena ser vivida e que vale a pena colocá-la em risco pelo outro, porque é assim que ela é recebida e assim que ela é transmitida”.²²⁵

Seguindo esta condução de Theobald percebe-se que, ainda que não se tenha uma fé em Deus e amor por Ele é imprescindível fé na vida, confiança em si e no outro. Para Agostinho quando amamos o outro, consequentemente amamos o próprio amor, e ainda, que Deus está entre nós quando praticamos o amor. O apóstolo João exorta-nos em uma de suas cartas “Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1 Jo 4,16).

Será que temos a possibilidade de alargar esse pensamento de João e afirmar que todas as pessoas que amam o seu próximo independente de amar a Deus estão em Deus porque Deus é amor? Será que elas não estão contempladas também no pensamento de João que afirma que “quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20)?

Ora, o Concílio Vaticano II nos convida a uma comunhão e fraternidade universal e afirma que “nós não podemos invocar Deus, Pai de todos os homens, se nos recusamos a comportar-nos como irmãos para com alguns homens criados à imagem de Deus”.²²⁶ E o mesmo Vaticano II nos afirma que em todo ser humano está depositado um germe divino.²²⁷ Esse germe divino habita cada homem e mulher independente de suas crenças e convicções

²²⁴ THEOBALD, Christoph, apud Fossion, *ibid.*, 2015, p. 35.

²²⁵ THEOBALD, Christoph, apud Fossion, *ibid.*, 2015, p. 30.

²²⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra Aetate*. São Paulo: Paulus, 2014a, n. 5.

²²⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 2014b, n 3.

religiosas. Em cada ser humano vive o amor, pois ninguém amará o outro se não tiver em si o amor.

3.3.1 Eros e Ágape: dimensões do Amor

Eros e Ágape são duas dimensões do Amor que tem como fonte o próprio Deus. Todo o amor que vivenciamos e damos ao próximo é experimentado em nós através do nosso corpo. Ao longo da história do cristianismo assim como o corpo sofreu uma “rejeição” em relação à alma, eros também foi abdicado e a dimensão do amor ágape foi preferencialmente sugerida e valorizada. Vivenciar um amor oblato era mais sublime e santo que um amor erótico.

Entretanto, a visão bíblica do amor engloba essas duas dimensões do amor humano. No Antigo Testamento (AT), em Gn 1 e 2, temos as narrativas do casal inaugural. Os dois relatos descrevem o protótipo do amor humano tal como foi criado por Deus. M. Gilbert aponta que “essa é a revelação da realidade do amor: os diversos aspectos da sexualidade não estão dissociados, mas integrados para constituir a perfeição de um amor interpessoal, sobre a base da igualdade e com a dinâmica da fecundidade”.²²⁸

Com a teologia profética o amor conjugal é introduzido no âmbito da aliança. Os profetas utilizavam a experiência matrimonial para explicar as relações de Deus com o seu povo. “O amor conjugal, ao entrar no âmbito da Aliança, é transformado. Tem agora um arquétipo divino que tem de realizar: o amor de Deus com seu povo”.²²⁹

E ainda a literatura sapiencial articulou a fé judaica e a sabedoria humana de diversas culturas. Percebe-se esse processo no livro Cântico dos Cânticos, pois “é um hino ao amor humano; nele se encontra uma afirmação sem reservas da sexualidade e do erotismo humano”.²³⁰ E Schillebeeckx explanando sobre o referido livro, ainda assegura que, “o Cântico constitui, deste modo, um contrapeso saudável a todas as outras correntes do Antigo Testamento que consideram o matrimônio, quase exclusivamente, como meio de perpetuar o clã e o povo”.²³¹

Completando a visão bíblica, a revelação cristã traz a novidade da descoberta da virgindade. É possível viver o amor humano de uma forma completamente nova. “Com a vinda de Cristo, surge na história este novo conceito e esta nova realidade do amor virginal. A pessoa

²²⁸ GILBERT, M., apud, VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 18.

²²⁹ VIDAL, *ibid.*, 2008, p. 20.

²³⁰ VIDAL, *ibid.*, 2008, p. 21.

²³¹ SCHILLEBEECKX, apud Vidal, *ibid.*, 2008, p. 21 – 22.

mesma do Senhor, celibatário, é uma revelação: anuncia e realiza a estrutura dos novos tempos”.²³²

Vidal assevera que, “[...] estas duas facetas do amor – o conjugal e o virginal – não são independentes, mas guardam uma estreita relação entre si. Tanto o amor conjugal como o amor virginal têm uma fonte única: o mistério de Cristo enquanto mistério de amor virginal e nupcial”.²³³

Com esses aspectos básicos sobre a visão bíblica do amor é perceptível o desvio do cristianismo ocasionado por influência do estoicismo, do dualismo helênico e do neoplatonismo de um modo muito particular na vivência da sexualidade. Janssens aponta que, “a justificação do ato sexual somente pela procriação não é uma doutrina fundada na Bíblia; na realidade, a origem desta exclusividade de finalidade provém de tendências pagãs rigorosas, transmitidas a nós pelo pensamento agostiniano”.²³⁴

De fato, em Agostinho encontramos uma visão “depreciativa” do matrimônio em relação à continência. Em seu livro *Dos bens do matrimônio* chega a aconselhar o matrimônio apenas para a procriação. “O concúbito é necessário para a procriação, e só neste caso é verdadeiramente nupcial. Quando ultrapassa esta finalidade, não é um ato racional, é libidinoso”.²³⁵

Encontramo-nos diante de um grande desafio que é a superação do pensamento errôneo sobre a prática do amor em todas as suas dimensões. Cantalamessa comenta que o amor sofre uma nefasta separação tanto no mundo secularizado quanto entre os que creem, pois, “no mundo encontramos um eros sem ágape; e entre os cristãos, muitas vezes, um ágape sem eros”²³⁶ e, aponta ainda que, “se não podemos mudar de uma vez a ideia que o mundo tem do amor, podemos, no entanto, corrigir a visão teológica que, obviamente sem querer, a favorece e legitima”.²³⁷

O Papa Bento XVI em sua Encíclica *Deus caritas est* busca superar esse pensamento e reafirmar a visão bíblica.

[...] Eros e ágape – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. [...] No fundo, o

²³² VIDAL, *ibid.*, 2008, p. 25.

²³³ VIDAL, *ibid.*, 2008, p. 26.

²³⁴ JANSSENS, apud Vidal, *ibid.*, 2008, p. 39.

²³⁵ AGOSTINHO, Santo. *Dos bens do matrimônio*. São Paulo: Paulus, 2007a, X, 11.

²³⁶ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 09 – 10.

²³⁷ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 15.

“amor” é uma única realidade, embora com distintas dimensões; caso a caso, pode uma ou outra dimensão sobressair mais. Mas, quando as duas dimensões se separam completamente uma da outra, surge uma caricatura ou, de qualquer modo, uma forma redutiva do amor. [...] A fé bíblica não constrói um mundo paralelo ou um mundo contraposto àquele fenômeno humano originário que é o amor, mas aceita o ser humano, por inteiro, intervindo na sua busca de amor para purificá-la, desvendando-lhe, ao mesmo tempo, novas dimensões.²³⁸

E o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* nos diz o seguinte sobre o amor conjugal:

É uma “união afetiva”, espiritual e oblativa, mas que reúne em si a ternura da amizade e a paixão erótica, embora seja capaz de subsistir mesmo quando os sentimentos e a paixão enfraquecem. [...] Não podemos de maneira alguma, entender a dimensão erótica do amor como um mal permitido ou como um peso tolerável para o bem da família, mas como dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos.²³⁹

Ao vivenciar o amor é necessário compreender que nem o espírito ama sozinho, nem o corpo, mas o ser humano, a pessoa, de quem fazem parte o corpo e a alma. Constantemente o cristianismo do passado é censurado por ter sido adversário do corpo, mas hoje assistimos a uma exaltação ao corpo que é enganadora. Pois,

o eros degradado a puro “sexo” torna-se mercadoria, [...] uma “coisa” que se pode comprar e vender; antes, o próprio ser humano torna-se mercadoria. Na realidade, para o ser humano, isso não constitui, propriamente, uma grande afirmação do seu corpo. Pelo contrário, agora considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo a usar e explorar com proveito²⁴⁰.

Para Cantalamessa o resgate do eros ajudaria os enamorados humanos e os esposos cristãos, revelando assim a beleza e a dignidade do amor que os une. Ajudaria os jovens a experimentarem o fascínio do outro sexo não como suspeito ou algo que deva ser feito às escondidas de Deus, mas experimentado como um dom do Criador, desde que vivido conforme a ordem querida por Ele.²⁴¹

Continuar afirmando que ágape é um amor tipicamente cristão e eros o amor de uma cultura não-cristã, ou seja, levar essa antítese ao extremo, conduziria a essência do cristianismo a uma desarticulação das relações básicas e vitais da existência humana.

²³⁸ BENTO XVI, *ibid.*, 2014, n. 7 – 8.

²³⁹ FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016, n. 120. 152.

²⁴⁰ BENTO XVI, *ibid.*, 2014, n. 5.

²⁴¹ CANTALAMESSA, *ibid.*, 2017, p. 18.

Embora o eros seja, inicialmente, sobretudo ambicioso, ascendente, [...] depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará “existir para” o outro. Assim, se insere nele o momento da ágape; caso contrário, o eros decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o ser humano também não pode viver, exclusivamente, no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom.²⁴²

Somos capazes de amar sem desprezar o eros e o ágape. É experimentando essas duas dimensões do amor que o homem e a mulher se humanizam e vivem em plenitude o duplo mandamento do Senhor. Deus nos ama e nos faz experimentar o seu amor. A partir dessa iniciativa de Deus desperta em nós também, o amor. Ao encontrá-Lo percebe-se que o amor não é apenas sentimentos, porque estes vêm e vão. O amor entre Deus e o ser humano consiste no fato de que comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e sentimento e, assim, o querer humano e a vontade de Deus se coincidem.

A sua vontade não será estranha e os seus mandamentos não serão impostos. Perceber-se-á que é possível amar o outro de maneira gratuita, pois o próprio Deus nos ama assim. É em Deus e com Deus que se ama a pessoa que não nos agrada ou que não conhecemos e olharemos para ela não com nossos olhos ou sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus. Aquele que Ele ama é o nosso amado, aquele que é seu amigo é nosso amigo.²⁴³

3.4 O Amor e a busca da felicidade

Os homens e as mulheres de todos os tempos e lugares desejaram e desejam uma vida feliz, e tudo o que fizeram e fazem foi e é motivado por essa aspiração à felicidade. Pode-se dizer que a vontade de felicidade é o “bem” mais bem distribuído na humanidade. Não há quem não queira ser feliz. Esse desejo é intrínseco ao ser humano.

Conforme Danilo Nobre dos Santos, os antigos gregos já se dedicavam a esse tema e perceberam que a felicidade ocupa uma função teleológica na vida humana e que não podia ser algo mutável e perecível. Os bens materiais são perecíveis, mas também os imateriais como a fama, o poder, a paixão. A própria vida humana é perecível, mortal. Não foi apenas o caráter

²⁴² BENTO XVI, *ibid.*, 2014, n. 7.

²⁴³ BENTO XVI, *ibid.*, 2014, n. 18.

extinguível das coisas, mas a própria experiência de morte levaram os pensadores gregos a se questionarem sobre a felicidade.²⁴⁴

Os filósofos que antecederam Agostinho consideravam a virtude, a filosofia e a sabedoria como elementos indispensáveis para a aquisição da felicidade. Todavia, uma felicidade conquistada pelo homem com as suas próprias forças e com a finalidade de ser vivida e experimentada neste mundo, nesta vida.

Agostinho absorve o pensamento greco-romano e, por isso, em sua obra *A Cidade de Deus II* afirma: “[...] o único motivo que leva o homem a filosofar é o desejo de ser feliz e o que o torna feliz é a meta do bem”.²⁴⁵ Assim, a busca pela Beatitude irá se apresentar como o bem supremo a ser possuído, é o que move o homem a tentar sair da sua ignorância e atingir a verdade.²⁴⁶

Santos afirma que

[...] é importante deixar claro que não se trata do eudaimonismo da Tradição greco-romana que Agostinho adota, uma vez que não concorda que a felicidade possa ser alcançada ainda nesta vida e unicamente pelo esforço humano, mediante uma dialética da razão. Assim, a filosofia não será por ele vista como fim em si mesma, mas um meio ou um porto e a felicidade passa a ser alcançada unicamente em Deus, bem como a Fé revelada será a verdadeira filosofia [...].²⁴⁷

Então, onde está a felicidade? Onde e como o ser humano pode ser feliz? Agostinho não a encontrou entre correntes filosóficas nem entre os bens materiais. No livro *Sobre a vida feliz* atesta que “de modo algum duvidamos que alguém decidido a ser feliz deve tentar alcançar algo que seja perene, que não possa ser-lhe roubado por algum tipo de acaso incontrolado”.²⁴⁸ Descobre que a felicidade se encontra na verdade e que esta verdade ou sabedoria é o próprio Deus.

O maior bem a ser conquistado é o próprio Deus. Por isso, no livro das *Confissões* afirma:

Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se confessa diante de ti, longe o pensamento de que uma alegria qualquer possa torná-lo feliz. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por

²⁴⁴ SANTOS, Danilo Nobre dos. *A felicidade e sua busca no De beata vita de Santo Agostinho*. 2016. 69 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016, p. 1

²⁴⁵ AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus II*. Petrópolis: Vozes, 2013b, XIX, 1,3.

²⁴⁶ GRACIOSO, apud Santos, *ibid.*, p. 3.

²⁴⁷ SANTOS, *ibid.*, 2016, p. 4.

²⁴⁸ AGOSTINHO, *ibid.*, 2014a, II, 11.

puro amor: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade, persegue uma alegria que não é a verdadeira.²⁴⁹

Marcos Roberto Nunes Costa assevera que essa Verdade-Felicidade se encontra no próprio homem, na sua interioridade, não em sentido panteísta, mas como imanência-transcendência a partir da revelação de Deus como Verdade. Por isso, o santo Doutor supera a máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo”.²⁵⁰ É o próprio bispo de Hipona que afirma:

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão.²⁵¹

Como traduzir esse pensamento de Agostinho acerca da felicidade para o homem e a mulher da nossa contemporaneidade? Todos nós somos ansiosos e ávidos por sermos alegres, plenos, realizados e felizes. Em que sentido o pensamento desse teólogo do século IV pode iluminar nossa busca por uma vida plena e feliz?

O próprio Hiponense já abordava que somos seres irrequietos mesmo diante das nossas conquistas e realizações, ou seja, temos sede do infinito: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.²⁵²

O pensamento de Agostinho diverge do greco-romano devido à sua experiência com a fé cristã. Sabe e concorda com os gregos que a vida feliz não se alcança com os bens perecíveis, porém discorda quanto à possibilidade de conquistá-la nesta vida e constata isto em seu livro *Sobre a vida feliz*, todavia, no livro das *Confissões* aponta que os bens são agradáveis e possui uma doçura que não é pequena.²⁵³ Os bens temporais serão também importantes para atingir a felicidade ainda que não sejam suficientes.

A felicidade nesta vida não será plena, pois este mundo é corruptível, efêmero e passageiro. De tal modo, Santos comenta que, para Agostinho,

[...] a felicidade cristã, muito mais do que filosofia, dependerá da fé e principalmente da posse de Deus, que necessariamente, liberta o homem de

²⁴⁹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, X, 22, 32.

²⁵⁰ COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Philosophiae portus e arx philosophiae*: apropriação e superação agostiniana da tradição filosófica grego-romana em relação à felicidade. In.: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 37, n. 3, p. 131-142, Set./Dez., 2014, p. 140.

²⁵¹ AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2007b, XXXIX, 72.

²⁵² AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, I, 1,1.

²⁵³ AGOSTINHO, *ibid.*, 2015, VI, 11, 19.

uma falsa relação (amor desordenado) com os bens relativos, finitos e perecíveis, para que possa dedicar sua vida a Deus, pela caridade, sendo cristão, para alcançar sabedoria e felicidade.²⁵⁴

Essa felicidade mediada pelo conhecimento da Verdade garantiria ao homem a serenidade para usufruir dos bens terrenos, ou seja, possuí-los sem ser possuído por eles. Conscientizá-lo-ia de que é um ser capaz de viver conforme sua natureza e ainda reconhecer a brevidade da vida, das relações e das conquistas, pois ainda que se espere uma felicidade futura não é necessário abandonar esta vida e este mundo que Deus oferta à humanidade. Aprender a saborear as pequenas e efêmeras alegrias desta vida, visto que são bênçãos de Deus. O próprio Coélet já olhava para elas com realismo e sabedoria. “Eis que a felicidade do homem é comer e beber, desfrutando do produto do seu trabalho; e vejo que também isso vem da mão de Deus” (Ecl 2,24). “Vai, come teu pão com alegria e bebe o teu vinho com satisfação, porque Deus já aprovou tuas obras” (Ecl 9,7).

3.5 O amor e a dimensão social

Os seres humanos não vivem isolados, mas interligados, conectados entre si e inseridos em uma sociedade da qual participam e contribuem para a promoção da paz ou da guerra, da individualidade ou coletividade, da justiça ou injustiça e estão sob um regime econômico-político-social que constantemente massacra e oprime uma grande parcela da população.

Ao adotar o amor como o fundamento ordenador para o problema da miséria humana, Agostinho parte do pressuposto que a humanidade herdou o amor de Deus e, por isso, o ser humano é projetado para amar a Deus e ao semelhante.²⁵⁵

[...] A dileção fraterna, ou seja, o amor recíproco, não somente procede de Deus, mas é o próprio Deus. Portanto, quando amamos o irmão com amor, amamos o irmão em Deus, e é impossível não amar o Amor que nos impele ao amor do irmão. [...] Se Deus é Amor, Deus ama de veras quem ama o amor. E necessariamente ama o Amor quem ama o próximo.²⁵⁶

O amor ao próximo é a força motriz que impulsiona a vida em sociedade. Todas as relações humanas têm como energia o amor. Através da caridade, Agostinho une o homem individual e social, pois a realização do amor em Deus exige a prática do amor entre os homens.

²⁵⁴ SANTOS, *ibid.*, 2016, p. 19.

²⁵⁵ VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. *O amor como fundamento da ordem social em Santo Agostinho. Paralellus*, Ano 1, n. 1, jan/jun, 2010, p. 60.

²⁵⁶ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8,12.

Por meio da caridade, o amor assume uma dimensão social, pois é um princípio de socialização do homem.²⁵⁷

Sendo o amor inerente ao ser humano não podemos separá-lo do seu amor. Se existe algum problema, este não reside no amor ou na necessidade de amar, mas na escolha do objeto a ser amado e na intensidade. “Portanto, o problema da liberdade é o da reta escolha das coisas amadas, da intensidade ou medida em que se amam as coisas, isto é, da reta ordem do amor”.²⁵⁸ Assim sendo, “a virtude é querer o que devemos querer, ou seja, amar o que devemos amar”.²⁵⁹

Através do duplo preceito do amor, o bispo de Hipona faz da ordem social um prolongamento da ordem moral, pois a vivência dos seres humanos em sociedade, fundamentada na reta ordem do amor, não possui outra finalidade senão garantir a paz temporal, tendo em vista a “Verdadeira Felicidade” a ser alcançada em Deus.²⁶⁰

Os homens e as mulheres vivem a dimensão social do amor inseridos em uma sociedade, e são bons quando amam o que deve ser amado, pois o mal é amar a si mesmo e o bem é amar a Deus, o verdadeiro bem. E isto é válido tanto para o homem como indivíduo quanto para o homem que vive em comunidade. Os homens que vivem para Deus formam a cidade celeste e os que vivem conforme os homens, a cidade terrena. Assim diz o bispo Agostinho:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência. Aquela ensoberbece-se em sua glória e esta diz a seu Deus: Sois minha glória e quem me exalta a cabeça.²⁶¹

É estando submisso e servindo a Deus que o ser humano será capaz de viver na justiça, de amar a si e a toda a humanidade não segundo os próprios juízos, mas conforme o juízo de Deus, isso é amar de modo justo.²⁶²

Assim, ao introduzir o amor (ou a caridade cristã) como fundamento ético-político capaz de levar o homem, individual e socialmente (na *civitas*), a alcançar a *Vera Justitia*, Agostinho reformula o conceito de povo proposto por

²⁵⁷ COSTA, *ibid.*, 2009, p. 47.

²⁵⁸ MONTAGNA, Leomar Antonio. *A ética como elemento de harmonia social em Santo Agostinho*. 2006. 134 f. (Dissertação em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, p. 40.

²⁵⁹ GILSON, *ibid.*, 2010, p. 258.

²⁶⁰ COSTA, *ibid.*, 2009, p. 47.

²⁶¹ AGOSTINHO, *ibid.*, 2013, XIV, 28.

²⁶² REALE, *ibid.*, 2003, p. 459.

Cícero (fundado no direito natural), redefinindo-o como “o conjunto de seres racionais associados pela concorde comunidade de objetos amados”.²⁶³

Para que a Justiça aconteça na sociedade é necessário que os seres humanos que a habitam tenham os mesmos interesses e estejam dispostos a viver e lutar para promover a equidade social.

[...] Um dos fundamentos da *Civitas* em Agostinho é o bem comum, que, por sua vez, se enquadra em seu eudaimonismo ético-político, uma vez que promover o bem é o mesmo que promover a concórdia, a paz ou felicidade temporal do homem, contrariamente aos bens privados que destroem a *civitas*, tornando-a má, ímpia e soberba.²⁶⁴

As duas cidades são habitadas por dois tipos de pessoas, pois existem duas maneiras de amar. Há aquelas que se preocupam com o bem comum e outras que submetem o bem comum ao privado. Umam trabalham promovendo a paz, outras preferindo as honras. Existem aquelas que desejam para o próximo o mesmo que para si e outras que submetem o próximo aos seus interesses particulares.²⁶⁵

O ser humano será o parâmetro para as duas cidades. A *Civitas* será a consequência do que são seus cidadãos. Mas o que significa dizer que a *Civitas* é o resultado das pessoas que nela habitam? Giovanni Garilli dirá:

Agostinho, expondo o seu pensamento sobre as “duas Cidades”, afirma que não existe sociedade humana que não seja ao mesmo tempo sociedade política, que tal é o indivíduo, tal é a sociedade, e que, portanto, as categorias que valem para o corpo social valem para os indivíduos, isoladamente considerados, e vice-versa [...]. A lei dos dois amores, antes de valer para a sociedade humana no seu todo, vale para o homem singular. O homem é uma síntese das “duas Cidades”, síntese de alma e corpo, de espírito e matéria.²⁶⁶

Refletir acerca do pensamento de Agostinho sobre a vida em sociedade e a dimensão social do amor é perceber a responsabilidade que o ser humano tem em suas mãos, e a partir de sua livre escolha contribuir para a promoção de uma política que contribua com um Estado justo. A política tem por finalidade garantir a todas as pessoas a paz, a segurança, a tranquilidade, a ordem, o bem-estar que são bens não absolutos, mas necessários para a manutenção da própria existência terrena.

²⁶³ COSTA, *ibid.*, 2009, p. 89.

²⁶⁴ COSTA, *ibid.*, 2009, p. 95.

²⁶⁵ COSTA, *ibid.* 2009, p. 95

²⁶⁶ GARILLI, Giovanni, apud Costa, *ibid.*, 2009, p. 135.

Para Agostinho a pessoa que abraça a política juntamente com a arte de governar deve preocupar-se pela sorte temporal e não medir esforços para que todos os cidadãos usufruam de uma vida digna, justa e prazerosa. Todos os cidadãos devem ser contemplados com leis que favoreçam a promoção da vida social, cultural e espiritual visando assim o desenvolvimento do ser humano em todas as dimensões da sua vida.

O ser humano é cidadão neste mundo, mas também é peregrino, um ser transcendente, destinado à vida eterna, por isso, sua pátria definitiva é a celeste, como assevera o bispo de Hipona. No entanto, a política procura promover e garantir a paz nesta vida, porque o próprio Deus deseja que seus filhos gozem de alegria e paz neste mundo tão sofrido, mas só a teremos plenamente em Deus como o próprio salmista nos diz “estar junto de Deus é o meu bem” (Sl 73, 28). Neste mundo experimentamos uma pequena parcela, um refrigério da paz que teremos na cidade celeste.

A concepção de Estado em Agostinho é formulada a partir da visão cristã. O poder exercido por seus dirigentes deve ser usado a serviço dos demais, pois “não há autoridade que não venha de Deus” (Rm 13, 1). Os governantes devem ser adoradores do Deus Vivo e Verdadeiro.

3.6 A prática do Amor na Igreja

Agostinho já dizia que, se vês a caridade, vês a Trindade²⁶⁷, ou seja, encontramos a Trindade na prática do amor. Este amor, radicado em Deus deve ser vivido por todos os fiéis, mas também pela comunidade eclesial. Essa consciência da prática e vivência do amor é existente e constitutiva desde os primórdios da Igreja quando “todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um” (At 2, 44-45). Com o crescimento e expansão da Igreja essa forma radical de comunhão não foi possível, mas a essência permaneceu, entre os crentes não deve haver um tipo de pobreza que seja negado a alguém os bens necessários para uma vida digna.²⁶⁸

O Papa Bento XVI afirma que a natureza íntima da Igreja exprime-se em um tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos sacramentos (*leiturgia*) e serviço da caridade (*diakonia*). E que essa Igreja é a família de Deus no mundo e, que por

²⁶⁷ AGOSTINHO, *ibid.*, 2008, VIII, 8, 12.

²⁶⁸ BENTO XVI, *ibid.*, 2006, n. 20.

isso, não deve haver ninguém que sofra, entretanto, esse amor caridade deve estender-se para além dos muros da Igreja.²⁶⁹

Ora a Igreja, fiel discípula e esposa de Cristo, segue os seus passos à medida que vive o seu mandato de anunciar a sua salvação a toda a humanidade e quando pratica o seu amor. A Igreja não tem sua existência isolada da vida humana e da sociedade. O anúncio de Cristo deve permear e atingir o ser humano em todas as áreas da sua vida, pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.²⁷⁰

Jesus, o filho amado de Deus, nos revelou o mistério do Amor trinitário e a nossa vocação ao amor. Todo homem e toda mulher é a imagem da Trindade e, por isso, cada pessoa comporta um existir em relação ao outro “eu”, posto que Deus, uno e trino, é comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.²⁷¹

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja assegura que

a revelação cristã projeta nova luz sobre a identidade, sobre a vocação e sobre o destino último da pessoa e do gênero humano. Toda a pessoa é por Deus criada, amada e salva em Jesus Cristo, e se realiza tecendo múltiplas relações de amor, de justiça e de solidariedade com as outras pessoas, à medida que desenvolve a sua multiforme atividade no mundo. O agir humano, quando tende a promover a dignidade e a vocação integral da pessoa, a qualidade das suas condições de existência, o encontro e a solidariedade dos povos e das nações, é conforme ao desígnio de Deus, que nunca deixa de mostrar o Seu amor e a Sua Providência para com Seus filhos.²⁷²

A Igreja é o sacramento do amor de Deus e, por isso, sua preocupação em ativar e sustentar um projeto de libertação e promoção da vida humana. O anúncio do Evangelho deve fecundar e fermentar a convivência em sociedade e transformar as relações humanas, pois

cuidar do homem significa, para a Igreja, envolver também a sociedade na sua solicitude missionária e salvífica. A convivência social, com efeito, não raro determina a qualidade de vida e, por conseguinte, as condições em que cada homem e cada mulher se compreendem a si próprios e decidem de si mesmos e da própria vocação.²⁷³

²⁶⁹ BENTO XVI, *ibid.*, 2006, n. 25.

²⁷⁰ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 2014b, n. 1.

²⁷¹ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 34.

²⁷² PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *ibid.*, 2005, n. 35.

²⁷³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *ibid.*, 2005, n. 62.

Ao longo dos séculos a Igreja esteve envolvida e preocupada com a condição humana na sociedade. Anunciar o Cristo e proclamar o seu novo mandamento de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo significa promover a paz, a justiça e comprometer-se com o autêntico progresso humano. Contudo, o Papa Bento XVI afirma que os representantes da Igreja só lentamente foram dando conta dos novos moldes e problema da justa estrutura da sociedade.²⁷⁴

Percebe-se um maior envolvimento a partir do século XIX. Em 1891 o magistério pontifício se manifesta com a *Rerum novarum*, de Leão XIII. Nesta Encíclica examina a condição dos trabalhadores assalariados, principalmente dos operários das indústrias. Quarenta anos depois o Papa Pio XI publica a Encíclica *Quadragesimo anno* (1931), onde reafirma o princípio de que o salário deve ser proporcional, não só às necessidades do trabalhador, mas às de sua família também. Nos anos sessenta o Papa João XXIII publica a Encíclica *Mater et Magistra* (1961), onde pretende atualizar os documentos já conhecidos e avançar no compromisso das questões sociais. Ainda nos anos sessenta acontece o Concílio Vaticano II e com ele temos a Constituição pastoral *Gaudium et spes* (1965) que traça o rosto de uma igreja solidária com o gênero humano e com a sua história. Em 1967 o Papa Paulo VI proclama que a paz é o novo nome do desenvolvimento em sua Encíclica *Populorum progressio* e na carta apostólica *Octogesima adveniens* (1971) reflete sobre a sociedade pós-industrial e todos os seus complexos problemas. E o Papa João Paulo II deixou-nos uma trilogia de encíclicas sociais: a *Laborem exercens* (1981), onde delinea uma espiritualidade e uma ética do trabalho, a *Sollicitudo rei socialis*, que aborda o tema do desenvolvimento e introduz a diferença entre progresso e desenvolvimento, e para comemorar o centésimo aniversário da *Rerum novarum* promulga a *Centesimus annus*, da qual emerge a continuidade doutrinal de cem anos de Magistério social da Igreja.²⁷⁵

Esse processo de enfrentar as situações e problemas da humanidade foi oportunizando à Igreja o desenvolvimento de uma doutrina social católica, que em 2004 foi apresentada no Compêndio da doutrina social da Igreja, redigido pelo Pontifício Conselho “Justiça e Paz”.²⁷⁶

O Papa Bento XVI afirma que é preciso definir com cuidado a relação entre o necessário empenho em prol da justiça e o serviço da caridade por parte da Igreja e aponta duas situações fundamentais.

A primeira é que a justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política. Pertence à estrutura do cristianismo distinguir o que é de César e o que é de Deus (Mt 22,21).

²⁷⁴ BENTO XVI, *ibid.*, 2006. n. 27.

²⁷⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *ibid.*, 2005, n. 89 – 103.

²⁷⁶ BENTO XVI, *ibid.*, 2006. n. 27.

Estado e Igreja são duas esferas distintas, mas em recíproca relação. A Igreja sabe que não cabe a ela a tarefa de fazer valer politicamente a sua doutrina social, mas quer servir na formação da consciência política e ajudar na percepção das verdadeiras exigências da justiça. A sociedade justa não pode ser obra da Igreja e deve ser realizada pelo Estado, mas toca a ela empenhar-se pela justiça trabalhando para que inteligência e vontade se abram às exigências do bem.²⁷⁷

A segunda é que a caridade sempre será necessária, mesmo na sociedade mais justa. Desfazer do amor é desfazer-se do ser humano enquanto ser humano, pois sempre haverá sofrimento que necessita de consolo e ajuda. Sempre existirá a solidão. O amor ofertado não oferece aos seres humanos apenas uma ajuda material, mas também um refrigério para a alma, pois afirmar que estruturas justas tornariam supérfluas as obras de caridade escondem uma concepção materialista da vida, um preconceito segundo o qual o ser humano viveria “só de pão”.²⁷⁸

A caridade é a energia que anima a existência da Igreja, de todos os seus fiéis e consequentemente a atividade política vivida como “caridade social”. Para Bento XVI,

a Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade enquanto atividade organizada dos crentes, como aliás nunca haverá uma situação em que não seja necessária a caridade de cada um dos indivíduos cristãos, porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor.²⁷⁹

²⁷⁷ BENTO XVI, *ibid.*, 2006. n. 28.

²⁷⁸ BENTO XVI, *ibid.*, 2006. n. 28.

²⁷⁹ BENTO XVI, *ibid.*, 2006. n. 28.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da análise do livro *A Trindade* de Santo Agostinho. Procuramos evidenciar o seu pensamento sobre o amor e como ele é vivenciado na relação com Deus e o semelhante.

Antes, porém, iniciamos a nossa pesquisa com um exame da vida do bispo de Hipona. Por isso, no primeiro capítulo apresentamos os laços familiares, algumas relações construídas ao longo da sua vida e a trajetória espiritual e intelectual, pois acreditamos que nosso entendimento e percepção de mundo são frutos das nossas experiências, das relações conosco e com o outro e das nossas lutas e buscas.

Cada ser humano vive de acordo com o seu tempo e inserido em seu contexto social. Ao observar a vida de Agostinho percebemos que todas as experiências vividas, as angústias sentidas, a descrença e a busca de satisfação dos prazeres contribuíram para a formação e construção do seu pensamento.

A filosofia o incitou a buscar e amar uma Sabedoria e uma Verdade que não fossem perecíveis. Com o desejo de encontrar esta Sabedoria abraça o maniqueísmo. Sente-se à vontade entre o grupo dos maniqueus, mas não se envolve completamente com a doutrina, tendo em vista, que não passa de “ouvinte”. Sua mente e seu coração são inquietos. As teorias maniqueístas não o convencem. Falavam o nome de Jesus Cristo ou do Espírito Santo, mas estavam vazios da Verdade, não a possuíam.

Ainda percorrendo o caminho que o conduziria à Verdade, passa pelo neoplatonismo. Com a leitura destes filósofos recebe uma luz interior, invisível e incorpórea que o liberta do materialismo. Compreende Deus como o ser absoluto, de onde deriva todos os seres e estes são bons, por isso o mal é uma ausência ou privação do bem, ele não é um existente.

Em sua peregrinação à procura do Amor e da Verdade só encontra repouso quando os encontrou em Cristo, Verdade, Sabedoria e Amor de Deus. Toda a inquietação da sua alma foi amparada no encontro pessoal com o Deus vivo, Verdadeiro e amoroso que dá sentido à nossa vida.

Agostinho dedicou sua existência a encontrar a Verdade e traduzi-la da melhor maneira possível às pessoas, para que fossem instruídas e assim trilhar com segurança o caminho que conduz à Verdade absoluta. Uma de suas pesquisas foi sobre o dogma da Trindade e a essa reflexão dedicou um livro, o qual foi analisado no segundo capítulo desta Dissertação. Nós nos detivemos a analisar o pensamento de Agostinho acerca do amor nesta obra.

Ao abordar a temática do amor, o Hiponense nos conduziu primeiro a refletir e identificar Deus como o Bem Supremo e Verdadeiro, por isso, o nosso amor para com Ele deve ser o de quem tem consciência e conhecimento de que está amando o próprio Bem e não um bem qualquer. Só Deus é o Bem imutável e a fonte de todos os outros bens.

Mas o que é o verdadeiro amor que somos chamados a viver? Para Agostinho o verdadeiro amor é a adesão à verdade para viver na justiça, senão será concupiscência. As Sagradas Escrituras pontuam dois preceitos que contemplam toda a Lei e os Profetas, o amor a Deus e ao próximo. Ainda que muitas vezes mencione apenas um dos preceitos. Quando amamos a Deus haveremos de praticar os seus mandamentos e, por conseguinte, amaremos também o nosso próximo. À medida que amarmos o nosso próximo estaremos amando o próprio Amor. E se o apóstolo João coloca a perfeição da justiça no amor ao próximo é porque incluiu o amor a Deus na caridade fraterna. Entretanto, as criaturas não devem ser amadas por elas mesmas, mas em Deus e por Deus.

É por meio do conhecimento que a alma percebe que é capaz de amar algo fora dela. O convite para conhecer-se não se restringe ao saber de suas aptidões, temperamento e caráter, mas conhecer-se para viver conforme a sua natureza, ou seja, governada, ordenada e pautada pela razão. O conhecimento de si auxilia ainda o ser humano na compreensão do uso reto e justo das coisas. É mediante a ciência que adquire as virtudes necessárias para uma vida reta com o intuito de alcançar a verdadeira vida feliz que é a eterna.

Sabemos que todos os homens e mulheres querem ter uma vida feliz e tudo o que fazem é para alcançar esse estado de felicidade. Se desejamos essa vida feliz é porque sabemos o que é a felicidade. Entretanto, para Agostinho a vida feliz só é possível em Deus. O ser humano não encontrará a felicidade em algo perecível que está à mercê do acaso e da fortuna. Pois, amar o que se pode perder é viver de maneira incompatível com a felicidade. Só Deus é permanente e eterno, por isso, aquele que tem Deus é o único que teria a felicidade.

Agostinho trabalhou as categorias de Bem, Verdade, Amor, Conhecimento, Felicidade em seu contexto social específico que foi o século IV – V, e em nosso trabalho nos propomos a dialogar com esse grande pensador e analisar que sentido faz à nossa sociedade sua reflexão sobre o amor. O nosso momento histórico é completamente diverso do dele, mas continuamos os mesmos humanos que buscam a verdade, a vivência do amor e a felicidade. Esse diálogo reflexivo com Agostinho e a partir de suas ideias foi o que realizamos no terceiro capítulo.

Partimos da noção bíblica de homem. Sabemos que Agostinho segue a tradição das Sagradas Escrituras ao afirmar que o ser humano é criado à imagem de Deus, mas que também faz uso do pensamento platônico para definir o homem como uma alma que se serve de um

corpo. Percebemos que no percurso do cristianismo houve desvios quanto à compreensão do ser humano, principalmente em relação ao corpo. Agostinho foi um dos pensadores que defendeu uma supremacia do espírito em relação ao corpo. Criamos, assim, uma antropologia que o flagela, aniquila e anula. Nós, homens e mulheres do século XXI, ainda somos herdeiros desse pensamento que nos força a nos identificarmos com a nossa alma.

Ainda que manifestemos a nossa realidade existencial a partir do corpo, ele ainda é um estranho para nós. Não o conhecemos, não o sentimos, não nos afeiçoamos a ele. Fomos treinados a aspirar às realidades espirituais e tudo o que faz referência à carne, à matéria, à terra deve ser considerado vil e desprezível. Essa temática sobre o ser humano “como o seu corpo” não foi aprofundada na pesquisa e merece uma discussão e pesquisa posteriores. Como os pensamentos de uma visão dicotômica do ser humano se infiltraram no cristianismo, e através deste se proliferou um pensamento que contribuiu para o desprezo do corpo? E o corpo feminino tão maltratado, subjugado e visto como ocasião de pecado? Percebemos como urgente um resgate da antropologia jesuânica, pois não observamos Jesus afastar-se dos outros corpos declarando interesses espirituais, pelo contrário, seus mandamentos primários fazem referências aos corpos nus, famintos, prisioneiros.

Esse ser humano criado à imagem e semelhança da Trindade é um ser de relações. Não vive isolado, mas conectado com os demais seres. É ainda vocacionado ao amor. E todo amor que vivencia e que dá ao próximo é mediado pelo corpo. Agostinho ao tratar do amor o faz a partir da dimensão ágape, excluindo a perspectiva do eros. No percurso histórico do cristianismo, assim como o corpo foi rejeitado em relação à alma, o eros também foi negado e a dimensão ágape do amor foi valorizada. Entre os cristãos paira um pensamento segundo o qual é mais santo e sublime vivenciar um amor oblato que um amor erótico. Com relação à prática do amor é perceptível também a influência de correntes filosóficas e do próprio Agostinho que propagou e valorizou o amor ágape, recusando o eros e justificando o ato sexual unicamente para a procriação.

Recentemente vimos o esforço do Papa Bento XVI em sua encíclica *Deus caritas est* de reafirmar a visão bíblica do amor e superar essa divisão entre ágape e eros. A dimensão eros do amor juntamente com o corpo merecem mais estudos e pesquisas posteriores, bem como, debates em nossas escolas, faculdades e igrejas, para assim, desconstruir pensamentos errôneos e nos permitir uma prática mais harmônica da sexualidade e uma maior interação com o corpo que habitamos e mediante o qual nos manifestamos ao mundo e aos outros.

Assumir a sua condição humana e peregrinar neste mundo com outros é inerente a todo homem e mulher que, aqui na terra, vivem a sua existência e a cada dia procuram bem-estar e

felicidade. Querem paz, sossego e tranquilidade. Agostinho em seu percurso espiritual descobre que a felicidade se encontra na verdade e que esta verdade é o próprio Deus. Para ele, a felicidade não se encontra nos bens perecíveis, ainda que afirme que os bens sejam necessários e agradáveis. Enquanto cristãos sabemos que somos peregrinos neste mundo, que nossa pátria definitiva é o céu. Todavia, essa consciência não significa um desprezo à vida terrena, pois a felicidade permeada pelo conhecimento da Verdade nos concede uma serenidade para usufruir dos bens terrenos, sem ser possuídos por eles.

Como existentes neste mundo, participamos de uma comunidade, vivemos com outros seres humanos e juntos precisamos colaborar com a promoção da justiça. Em Agostinho o amor tem uma dimensão social e ele o adota como o fundamento ordenador para o problema da miséria humana, pois acredita que a humanidade herdou o amor de Deus e, por isso, é capaz de amar a Deus e ao próximo. As pessoas são boas quando amam o que deve ser amado e más quando amam a si mesmas. Vimos que para Agostinho os homens que vivem para Deus formam a cidade celeste e os que vivem conforme os homens a cidade terrena.

Os seres humanos serão o parâmetro para as duas cidades. A *Civitas*, portanto, será a consequência do que são seus cidadãos. Esse é um tema muito instigante e que também merece muito mais pesquisas e reflexões, principalmente na atual conjuntura que vivemos na política brasileira. Quantos de nossos políticos se dizem adoradores do Deus Vivo e Verdadeiro, mas não vivem segundo a sua vontade, longe de se preocuparem com o bem comum e com a promoção da justiça e equidade social, se voltam para os seus interesses pessoais. Esquecem que estão a serviço da sociedade e que o poder que está em suas mãos deve ser exercido em prol da paz, da justiça, da concórdia e felicidade temporal.

É na prática do amor que vemos e encontramos a Trindade. Deus se faz presente onde existem relações amorosas, dedicação ao bem e promoção da justiça. A todos cabem ao chamado de viver o *ordo amoris*. A Igreja como fiel discípula e esposa de Cristo tem o “dever” de seguir os passos do seu mestre e esposo, tanto anunciando a salvação em seu nome quanto praticando o amor, pois um anúncio autêntico de Cristo e do seu evangelho é também compromisso com a humanidade e sua condição existencial neste mundo.

A Igreja está inserida na sociedade, vive sob um regime político e é formada por indivíduos. É o sacramento do amor de Deus, se preocupa em sustentar um projeto que liberte e promova uma vida humana com dignidade. Sabe da sua missão social, quer ser sal da terra e luz do mundo ao iluminar as consciências para que sejam capazes de aderir e praticar uma política comprometida com os valores evangélicos.

Em face do exposto percebemos que toda a vida humana é movida por amor, todas as nossas ações são direcionadas para aquilo que amamos e valoramos. Não podemos apartar o homem do amor. Se há algum problema ele não se encontra no amor ou na necessidade de amar, mas no objeto do nosso amor. É por isso que o amor humano precisa ter Deus como fonte e referência, para que assim, ame a si mesmo, os outros e as coisas conforme a dignidade ontológica própria a cada ser.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia vl 2*. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010.
- AGOSTINHO, Santo. Dos bens do matrimônio. In: *Dos bens do matrimônio; A santa virgindade; Dos bens da viuvez; Cartas a Proba e a Juliana*. São Paulo: Paulus, 2007a.
- _____. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2007b.
- _____. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *Solilóquios*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *A Cidade de Deus I*. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- _____. *A Cidade de Deus II*. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- _____. *Sobre a vida feliz*. Petrópolis: Vozes, 2014a.
- _____. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 2014b.
- _____. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. *Las Retracciones*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/ritrattazioni/index2.htm>> Acesso em: 26 de novembro de 2017.
- _____. *Carta 130*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>> Acesso em: 01 de outubro de 2017.
- _____. *Carta 155*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>> Acesso em 22 de setembro de 2017.
- ALMA – CORAÇÃO – CORPO. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 94 – 107.
- ALMEIDA, Frederico Soares. O amor como elemento fundamental na ética de Santo Agostinho. *Pensar: Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 2014, p. 55 – 64.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- AMOR. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 109 – 118.
- ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 3. ed. Bauru: Edipro, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEATITUDE. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 263 – 269.

BENTO XVI, Papa. *Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. Nov. ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2013.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus - amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BLANK, Renold J.; VILHENA, M. Angela. *Antropologia e Escatologia: esperança além da esperança*. Valencia: Siquem, 2001.

BROWN, Peter Robert Lamont. *Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zarar Editor, 1990.

_____. *Santo Agostinho: uma biografia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. *Eros e Ágape: as duas faces do amor humano e cristão*. Petrópolis: Vozes, 2017.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético*. Brasília: CNBB, 2014.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra Aetate*. São Paulo: Paulus, 2014a.

_____. *Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 2014b.

CORPO. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993. p. 204 – 219.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Philosophiae portus e arx philosophiae: apropriação e superação agostiniana da tradição filosófica grego-romana em relação à felicidade*. In.: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 37, n. 3, set./dez., 2014, p. 131-142.

ESTAL, Gabriel del. *Santo Agostinho e sua concubina de juventude*. São Paulo: Paulus, 1999.

FOSSION, André. *O Deus desejável: proposição da fé e iniciação*. São Paulo: Loyola, 2015.

FITZGERALD, Allan D. *Cuerpo*. In: FITZGERALD, Allan D. (Dir.). *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 363 – 367.

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016.

- GILSON, Étienne. *O espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *A filosofia na Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GONZÁLEZ, Paulino Sahelices. O amor, fio condutor. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana vl 2*. Petrópolis: FABRA.
- _____. O amor, mandamento novo. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana vl 3*. Petrópolis: FABRA.
- _____. O amor, centro de comunhão. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana vl 4*. Petrópolis: FABRA.
- GRACIOSO, Joel. A Dimensão Teleológica e ordenada do agir humano em Santo Agostinho. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, 2012, p. 11-30.
- GRIMALDOS, Modesto García. O homem, “um Deus criado”. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana vl5*. Petrópolis: FABRA.
- HAMMAN, Adalbert G. *Os padres da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1980.
- _____. *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- JOÃO PAULO II. *Augustinum Hipponensem*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1986/documents/hf_jp-ii_apl_26081986_augustinum-hipponensem.html>. Acesso em 17 de setembro de 2017.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *Trindade: o amor em Deus*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MANIQUEÍSMO. In: ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MATTHEWS, Garteh B. *Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MATTOS, José Roberto Abreu de. Ética Agostiniana. *Revista de Cultura Teológica*, v., 19, n., 73. jan/mar 2011, p. 117 – 127.
- MERECKI, Jaroslaw. *Corpo e transcendência: a antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II*. Brasília: CNBB, 2014.
- MONDIN, Battista. *O homem quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 1980.
- MONTAGNA, Leomar Antonio. *A ética como elemento de harmonia social em Santo Agostinho*. 2006. 134 f. (Dissertação em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- OLIVEIRA, Nair de Assis. In: AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 2008.

PAULA, Andriely Samanda de; MELO, José Joaquim Pereira. *O amor e a felicidade em Santo Agostinho como elementos para a formação do homem*. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03022.pdf>> Acesso em: 09 de outubro de 2017.

PINHEIRO, Luiz Antônio. *A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, dez. 2008.

PLATÃO. Lísis (ou da amizade) In: *Diálogos IV: Parmênides (ou das formas), Político (ou da realeza), Filebo (ou do prazer), Lísis (ou da amizade)*. Bauru: Edipro, 2009.

PLOTINO. Sobre o Amor. In: *Tratados das Enéadas*. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 1997.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia vl 1*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: patrística e escolástica vl 2*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

REIS, Evanildo Tavares dos. *O Cristianismo como manifestação da verdade e do amor em Joseph Ratzinger*. 2014. 84 f. (Mestrado Integrado em Teologia), Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.

RIBEIRO, Helcion. *Antropologia Teológica*. Batatais: Claretiano, 2013.

SALINAS, Walmir Ruis. *A concepção de corpo na obra Confissões de Santo Agostinho*. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vii_epct/PDF/CIENCIAS_HUMANAS/Historia/02_A_CONCEPcao_DE_CORPO_.pdf> Acesso em: 01 de outubro de 2017.

SANTOS, Danilo Nobre dos. *A felicidade e sua busca no De beata vita de Santo Agostinho*. 2016. 69 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

SESÉ, Bernard. *Agostinho, o convertido*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. *A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a Modernidade Líquida*. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Josadaque Martins. *A correlação entre as noções de “vontade” e “medida” no diálogo De beata vita de Santo Agostinho*. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.

SILVA, Roseli Gall do Amaral da; MELO, José Joaquim Pereira. *A paidéia cristã em Santo Agostinho: o amor como elemento formativo*. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c026.pdf>> Acesso em 09 de outubro de 2017.

SIQUEIRA, Grégori Lopes; ALVES, Marcos Alexandre. *A relação estado-igreja em Santo Agostinho*. Disponível em:

<<http://www.unifra.br/eventos/sepe2011/Trabalhos/2490.pdf>> Acesso em 09 de outubro de 2017.

SOUZA, Lúcio Bento de. *A fé trinitária e o conhecimento de Deus: abordagem a partir da obra De Trinitate de Santo Agostinho*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2010.

VAN BAVEL, Tarsicius J. Amor. In: FITZGERALD, Allan D. (Dir.). *Diccionario de San Agustin: San Agustin a traves del tiempo*. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 39 – 50.

VARGAS, José Walterson. O reordenamento dos afetos pelo restabelecimento da ordo amoris em Santo Agostinho. *Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade*, Campinas, nº 29, jan-dez 2015, p. 147 – 185.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. *O amor como fundamento da ordem social em Santo Agostinho*. *Paralellus*, Ano 1, n. 1, jan/jun, 2010.

VIÑAS ROMÁN, Teófilo. A amizade em Santo Agostinho. *Cadernos de Espiritualidade Agostiniana vl 1*. Petrópolis: FABRA.

WETZEL, James. *Compreender Agostinho*. Petrópolis: Vozes, 2011.